

TATIANE ALVES MACIEL BARBOSA

A VARIAÇÃO ENTRE FUTURO DO PRETÉRITO E PRETÉRITO IMPERFEITO DO  
INDICATIVO EM ORAÇÕES CONDICIONAIS INICIADAS POR “SE”  
NA FALA UBERLANDENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação –  
Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da  
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística  
Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre o  
léxico, morfologia e sintaxe.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha

UBERLÂNDIA- MG  
2005

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação / mg- 08/05

B238v Barbosa, Tatiane Alves Maciel, 1978-  
A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala uberlandense / Tatiane Alves Maciel Barbosa. Uberlândia, 2005.  
113 f. : il.  
Orientador: Maura Alves de Freitas Rocha.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Lingüística.  
Inclui bibliografia.  
1. Sociolingüística - Teses. 2. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 3. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801.3(043.3)

Tatiane Alves Maciel Barbosa

A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala uberlandense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre o léxico, morfologia e sintaxe.

Banca Examinadora:  
Uberlândia, 28 de setembro de 2005.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha - UFU

---

Prof. Dr. Fernando Marson - USP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luísa Helena Borges Finotti - UFU

Aos meus pais, que sempre despertaram em seus filhos a responsabilidade e o empenho aos estudos.

Ao meu marido e à minha filha, que são alegria, luz e amor em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida, pelas oportunidades que tenho e pelas bênçãos recebidas a cada dia.

Meus sinceros agradecimentos à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha, pela orientação objetiva e segura.

Aos meus pais, José Silvério Maciel e Eliane, agradeço o exemplo de vida, o amor pelos filhos, pela família. Meus pais são, sem dúvida, os responsáveis por esta realização, pois incentivam sempre os meus projetos e acreditam no meu potencial.

Ao meu marido, Ricardo, por estar ao meu lado, por ser tão especial em minha vida.

À minha filha, Maria Eduarda, que, em cada sorriso e carinho, faz-me viver intensamente feliz.

Aos meus irmãos, Cristiane, Luciano e Flaviane, pelo apoio e amor incondicionais.

Agradeço a todos os meus familiares, pelo incentivo e pelo carinho.

Às minhas grandes amigas Maria Luísa e Neide, que foram companheiras importantíssimas, foram incentivadoras desta caminhada. Obrigada pela troca de sugestões e, sobretudo, pelas palavras de ânimo e coragem.

Agradeço ao Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luísa Helena Borges Finotti pelas sugestões no Exame de Qualificação desta dissertação.

Aos companheiros da comunidade educativa da escola salesiana Instituto Teresa Valsé, que acompanharam a minha caminhada e os meus estudos, encorajando-me com palavras otimistas.

Aos meus amigos, que direta ou indiretamente, fazem parte da minha caminhada e me incentivam positivamente.

Aos informantes da pesquisa, agradeço pela disponibilidade, atenção e inestimável colaboração.

A todos estes e a outros porventura não citados, por todo o apoio oferecido, muito obrigada.

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...  
Quando se vê, já é 6ª feira...  
Quando se vê, passaram 60 anos...  
Agora, é tarde demais para ser reprovado...  
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,  
eu nem **olhava** o relógio  
seguia sempre, sempre em frente...

E **iria** jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

(MÁRIO QUINTANA – grifo nosso)

## RESUMO

Esta dissertação trata da variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo, em orações condicionais iniciadas por “se”. Essas formas verbais se alternam tanto em construções com verbos simples como em locuções verbais. Buscou-se detectar se essas formas verbais se alternam e quais fatores condicionam o uso de uma em detrimento da outra. Para tanto, foram investigados fatores lingüísticos, tais como, tamanho das orações, ordem das sentenças e paralelismo formal. Além disso, foram analisados fatores extralingüísticos, como classe social e faixa etária. Para o desenvolvimento da pesquisa, trabalhou-se com um *corpus* representante da língua falada na cidade de Uberlândia, Brasil. Na composição desse *corpus*, foram utilizadas 45 entrevistas realizadas com falantes adultos desta cidade. Trabalhou-se na perspectiva da Sociolingüística Laboviana (Teoria da Variação) e da Sociolingüística Paramétrica. A análise realizada evidenciou que o pretérito imperfeito é o tempo verbal preferencial da classe baixa e que o paralelismo formal favorece um dos tempos verbais analisados.

**Palavras-chave:** variação lingüística, verbos, condicionais, Sociolingüística Laboviana, Sociolingüística Paramétrica.



## ABSTRACT

This dissertation deals with the variation between the conditional and the past-imperfect indicative in conditional sentences beginning with the conjunction “if”. The usage of these verb tenses alternate with simple verb constructions and verbal locutions. The author aimed to detect whether the verb forms actually alternate and the factors that determine which verb forms should be used. For the purpose of this work, linguistic factors have been analysed: size of constructions, order of sentences and formal parallelism. Besides, extra-linguistic factors such as social class and age group have also been investigated. The researcher worked with a corpus that represented the language spoken in Uberlândia, Brazil. This corpus was composed by 45 interviews with adult speakers from the city mentioned previously. The perspective of Labovian Sociolinguistics (Theory of Variation) and Parametric Sociolinguistics conducted the methodology of the research. This study shows that the past imperfect indicative is mostly used among low class and the formal parallelism favours one of the verb forms analysed.

**Key-words:** linguistic variation, verbs, conditional, Labovian Sociolinguistics, Parametric Sociolinguistics

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição geral da alternância dos verbos.....	53
Gráfico 2a: Tamanho da oração x Variável dependente – Leitura horizontal.....	55
Gráfico 2b: Tamanho da oração x Variável dependente – Leitura vertical.....	57
Gráfico 3a: Ordem da sentença x Variável dependente – Leitura horizontal.....	59
Gráfico 3b: Ordem da sentença x Variável dependente – Leitura vertical.....	61
Gráfico 4a: Paralelismo formal x Variável dependente – Leitura horizontal.....	64
Gráfico 4b: Paralelismo formal x Variável dependente – Leitura vertical.....	67
Gráfico 5a: Classe social x Variável dependente – Leitura horizontal.....	69
Gráfico 5b: Classe social x Variável dependente – Leitura vertical.....	70
Gráfico 6a: Faixa etária x Variável dependente – Leitura horizontal.....	73
Gráfico 6b: Faixa etária x Variável dependente – Leitura vertical.....	74
Gráfico 7a: Classe social x Faixa etária – Ocorrência de PI - Leitura horizontal.....	79
Gráfico 7b: Classe social x Faixa etária – Ocorrência de PI - Leitura vertical.....	81
Gráfico 8a: Classe social x Faixa etária – Ocorrência de FP – Leitura horizontal.....	83
Gráfico 8b: Classe social x Faixa etária – Ocorrência de FP – Leitura vertical.....	85

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
1.1 Introdução.....	16
1.2 A Sociolingüística Laboviana.....	17
1.3 A Sociolingüística Paramétrica.....	19
1.4 A Visão da Gramática Tradicional.....	25
1.5 Estudos relevantes sobre o assunto.....	29
1.5.1 A Proposta de Costa (1997).....	29
1.5.2 A Pesquisa de Silva (1998).....	33
1.5.3 O Estudo de Tapazdi e Salvi (1998).....	36
1.5.4 O Trabalho de Hirata (1999).....	38
1.5.5 O Estudo de Travaglia (1985).....	39
1.6 Conclusão.....	41
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
2.1 Introdução.....	42
2.2 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	42
2.3 Hipóteses.....	45
2.4 Objetivos.....	46

2.5 O Envelope de Variação.....	47
2.6 Conclusão.....	51
3 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	53
3.1 Introdução.....	53
3.2 Tamanho da oração x Variável dependente.....	55
3.3 Ordem da sentença X Variável dependente.....	58
3.3 Paralelismo formal x Variável dependente.....	63
3.4 Classe social x Variável dependente.....	68
3.5 Faixa etária x Variável dependente.....	72
3.6 Classe social x Faixa etária x Variável dependente.....	78
3.7 Conclusão.....	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXOS.....	97

## INTRODUÇÃO

Por ser a língua empregada por tão grande quantidade de indivíduos, em inúmeras e diferentes situações, é de se esperar que ela não se apresente estática. Isto quer dizer que condicionantes sociais, regionais e as diversas situações em que a língua se realiza determinam a ocorrência de variações.

Dentre as várias possibilidades de variação em estruturas da Língua Portuguesa, interessamo-nos pela alternância das formas verbais nas orações condicionais iniciadas por “se”. Nelas, os tempos verbais utilizados são diversificados em vários contextos de fala e escrita. Por esta razão, investigamos o uso do futuro do pretérito (FP) e/ou pretérito imperfeito (PI) do indicativo em orações condicionais, na fala do Português Brasileiro, como, por exemplo, em orações similares a “*Se eu pudesse, trocava de sala.*” e/ou “*Se eu pudesse, trocaria de sala.*”<sup>1</sup>.

A presente dissertação será desenvolvida seguindo os parâmetros metodológicos da Sociolinguística Laboviana, que relaciona língua e sociedade e possibilita uma sistematização da variação existente. Segundo Tarallo (1990), “o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”<sup>2</sup>. Este modelo teórico, proposto por Labov, tem por objeto a língua usada por uma comunidade real de fala em situação concreta de comunicação. Por isso, concebe a língua como fenômeno social e heterogêneo. Tais estudos surgiram como uma reação à atitude da teoria gerativista em analisar a

---

<sup>1</sup> Amostra extraída de fala informal.

<sup>2</sup> TARALLO, 1990, p.7.

competência lingüística de um falante/ouvinte ideal numa comunidade lingüística homogênea. Assim, a Teoria da Variação tem como pressupostos o princípio da heterogeneidade lingüística e o caráter sistemático da variação.

Além disso, a proposta de Tarallo e Kato (1989), “a Harmonia Trans-sistêmica”, também será utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa. Os autores evidenciam que a Harmonia Trans-sistêmica “resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as possibilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro”.<sup>3</sup> É interessante ressaltar a importância dos modelos teóricos referidos para o desenvolvimento deste trabalho e declarar, conforme Rocha (1998), que “os dois modelos são complementares e não excludentes”<sup>4</sup>

Em relação ao fenômeno investigado, é necessário salientar que a alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais é um assunto que não está esgotado, apesar de pesquisadores diversos já terem mostrado alguns fatores que influenciam o uso de um ou outro tempo verbal. E é por isso que este trabalho também se interessa em investigar essa alternância e descrever as ocorrências encontradas nos textos orais do Português do Brasil (PB).

Assim, esta dissertação tem por objetivo geral investigar a alternância entre PI e FP nas orações condicionais iniciadas por “se” no PB, partindo de um recorte realizado na língua falada na cidade de Uberlândia –MG, por meio de entrevistas desenvolvidas com falantes adultos.

---

<sup>3</sup> TARALLO; KATO, 1989, p. 5.

<sup>4</sup> ROCHA, 1998, p. 16.

Partiu-se da hipótese de que o PI é usado em substituição ao FP, e que o emprego de um ou outro tempo verbal está ligado a fatores lingüísticos – tamanho da oração, ordem da sentença e paralelismo formal – e fatores extralingüísticos – classe social e faixa etária.

Nesta perspectiva, procurar-se-á responder, neste trabalho, as seguintes questões: O tamanho da oração favorece o emprego de PI ou FP em orações condicionais? A ordem canônica (prótase+apódose) influencia o emprego de PI? O paralelismo formal leva ao emprego de um tempo verbal em detrimento do outro? A classe mais baixa utiliza mais o PI? Os indivíduos de 20 a 30 anos tendem a usar o PI no lugar de FP?

Esta dissertação se organiza da seguinte maneira: A esta introdução, segue o primeiro capítulo, que apresenta o referencial teórico do trabalho, ou seja, as bases teóricas sobre as quais se sustenta esta pesquisa. Neste capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos da Sociolingüística Laboviana e da Sociolingüística Paramétrica. Além disso, será apresentada a visão da Gramática Tradicional sobre a alternância dos verbos PI e FP em orações condicionais. E, finalmente, haverá a descrição e análise de trabalhos que tratam o assunto de maneira direta ou indireta.

No segundo capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Para isso, será apresentado o *corpus* da pesquisa, além das hipóteses e objetivos que nortearão este trabalho. Será apresentado, também, neste capítulo, o envelope de variação da pesquisa.

O capítulo 3 será dedicado à análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa.

Por fim, no capítulo 4, será apresentada a conclusão do trabalho desenvolvido.

## CAPÍTULO 1

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1.1 Introdução

Neste capítulo, serão apresentadas as duas teorias que orientam este trabalho: primeiramente, a Sociolingüística Laboviana, também conhecida como Teoria da Variação e, em seguida, a Sociolingüística Paramétrica, isto é, a Harmonia Trans-sistêmica, de Tarallo e Kato (1989). A primeira teoria, conforme Labov (1972), preocupa-se com a relação entre língua e sociedade e com a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Já a segunda, de Tarallo e Kato (1989), apresenta o alcance dos resultados e a generalização e poder explanatório das análises via propriedades e/ou probabilidades.

Serão apresentadas, também, as descrições a respeito da alternância dos tempos verbais em orações condicionais na Gramática Tradicional (doravante GT), segundo Cunha e Cintra (1985), Cegalla (1979), Melo (1978), Bechara (1999) e Rocha Lima (1978).

Na seqüência, serão apresentados estudos recentes que envolvem o tema da alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais. Assim, serão apresentados trabalhos que abordam este assunto de



maneira direta, tais como Costa (1997) e Silva (1998) ou de maneira indireta, como Tapazdi e Salvi (1998), Hirata (1999) e Travaglia (1985).

## 1.2 A Sociolingüística Laboviana

Os estudos no campo da Sociolingüística Laboviana têm por objeto a língua usada por uma comunidade real de fala em situação concreta de comunicação. Por isso, concebem a língua como fenômeno social e heterogêneo. Segundo Tarallo (1990)

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. (TARALLO, 1990, p.7)

A Teoria da Variação tem por pressupostos o princípio da heterogeneidade lingüística e o caráter sistemático da variação e, para ela, toda língua natural apresenta formas que podem alternar entre si, num mesmo contexto, com um mesmo valor de verdade. Esta abordagem teórica, então, consiste em descrever o fenômeno da variação ou, como diz Tarallo (1990), sistematizar o “caos aparente”.

É necessário ressaltar que, para haver a sistematização dos fenômenos variáveis, o pesquisador deve identificar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam o uso de uma ou outra variante na língua, a partir das hipóteses de suas pesquisas e estudos.

Nesta perspectiva, “o modelo de análise lingüística proposto por Labov é também rotulado por alguns de ‘sociolingüística quantitativa’ por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.”<sup>5</sup> Portanto, para viabilizar um projeto de pesquisa em sociolingüística, na linha laboviana, deve-se, inicialmente, escolher uma comunidade de fala e dela recolher o material em estado bruto para ser analisado. Logo, levanta-se o objetivo a partir das variações existentes.

É importante para o processo de sistematização da variação existente na língua, que o investigador sociolingüista siga alguns passos. Primeiramente, deve-se fazer um levantamento exaustivo de dados de língua falada, dados estes que refletem mais fielmente o Vernáculo<sup>6</sup> da comunidade. A seguir, faz-se uma descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes<sup>7</sup> que a constituem. Depois, segue a análise dos possíveis fatores condicionadores (lingüísticos e não –lingüísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s). Posteriormente, há o encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade, isto é, em que nível lingüístico e social da comunidade a variável pode ser colocada. Por fim, projeta-se historicamente a variável no sistema sociolingüístico da comunidade.

Além disso, a Sociolingüística Laboviana leva em consideração como dado social o estado do emissor, dentre outros – profissão, raça, escolaridade, idade, sexo – e relaciona este estado ao modelo de atuação.

---

<sup>5</sup> TARALLO, 1990, p. 8.

<sup>6</sup> Vernáculo é “a enunciação e expressão dos fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enuncia-los.” (Ibid. p.19)

<sup>7</sup> Ainda de acordo com Tarallo (1990), “variantes lingüísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de ‘variável lingüística’”.

### 1.3 A Sociolingüística Paramétrica

A Sociolingüística Paramétrica, de Tarallo e Kato (1989), caracteriza-se como uma proposta de convergência de duas teorias: a Gramática Gerativa, que atua à base de princípios e de propriedades paramétricas e que procura resgatar a variação interlingüística, e a Teoria da Variação de Labov, que se caracteriza como lingüística de probabilidades.

Neste sentido, Tarallo e Kato (1989) propõem

um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades paramétricas do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo; seja para realinhar um modelo em função do outro. (TARALLO; KATO, 1989, p. 5)

Assim, a Sociolingüística Paramétrica baseia-se no alcance dos resultados e na generalização e poder explanatório das análises via propriedades e/ou probabilidades, todas compatíveis entre si.

E, como exemplo do poder explanatório contido nas análises projetadas pela lingüística das probabilidades, os autores apresentam o trabalho de Labov (1981). Ao resolver a controvérsia sobre os neogramáticos, Labov atribui-lhes uma grande importância, pois recupera o valor da escola neogramática quando, via análise probabilística, utiliza os fatores condicionadores sobre a mudança fonológica, fazendo

projeções de resultados próprios de um modelo paramétrico. Tarallo e Kato (1989) expõem esse trabalho, explicando que

com base nas mudanças fonológicas ocorridas e/ou em progresso em vários dialetos do inglês, Labov contrapõe o alcance do modelo neo-gramático àquele pretendido pela escola lexical-difusionista, implantada na década de 60 desse século. Obviamente, o resgate do poder explanatório de um e de outro modelo, neo-gramático vs. lexical-difusionista, é feito via teoria da variação, portanto, via uma lingüística de probabilidades. (TARALLO; KATO, 1989, p.6)

Os pontos básicos que sustentam os argumentos favoráveis à Sociolingüística Paramétrica nos estudos lingüísticos são: que as línguas podem convergir em alguns aspectos de sua gramática e que, a estas convergências, os gerativistas denominam de propriedades paramétricas.

Essa convergência é encontrada no trabalho de Sankoff e Tarallo (1987), em que os autores mostram que em duas línguas tão distantes quanto o Tok Pisin e o Português Brasileiro existe identidade de processos quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas e não-relativas. É encontrada, também, nos textos de Dubuisson (1981) a respeito do Francês Canadense, de Corvalán (1982) sobre o Espanhol mexicano falado em West Los Angeles e o trabalho de Lira (1982, 1986) sobre o Português carioca, em que os autores mostraram que vários dos fatores que condicionam a inversão do sujeito nessas línguas filhas do latim e irmãs atuam na mesma direção.

A Sociolingüística Paramétrica também possibilita compatibilizar os resultados da lingüística de probabilidades com as previsões da lingüística de propriedades paramétricas e de princípios, o realinhamento de uma propriedade de um componente

gramatical, do parâmetro sintático, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática, conforme a citação a seguir.

a tendência do Português do Brasil de perder as propriedades de parâmetro do sujeito nulo se manifesta no uso cada vez mais freqüente de formas substitutivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais, como formas indeterminadoras da linguagem, substitutivas do clítico 'se'. (KATO; TARALLO, 1986 apud TARALLO; KATO, 1989, p. 9)

O trabalho desses autores investiga a variação da ordem sujeito/verbo numa perspectiva variacionista inter- e intra-lingüística, apresentando o estudo de Comrie (1981) a respeito de parâmetro:

...um parâmetro é uma propriedade que varia nas línguas naturais de forma significativa. Diz-se que uma propriedade varia de forma significativa quando ela se correlaciona com outras propriedades. Assim, a ordem SOV/VSO pode ser ou não um parâmetro significativo. No momento em que conseguimos correlacionar SOV com posposições e VSO com preposições de tal modo que podemos montar relações implicacionais do tipo: se VSO, então preposições e se SOV, então posposições, poderemos dizer que a ordem dos constituintes maiores não é uma propriedade tipológica arbitrária, mas sim que constitui um parâmetro. (COMRIE, 1981, apud TARALLO; KATO, 1989, p.13)

Esse conceito de parâmetro apresentado pode ser encontrado na teoria chomskiana, que propõe, em 1981, o Parâmetro do Sujeito Nulo – Pro-drop. Deve-se destacar que uma das possibilidades da língua caracterizar-se como de sujeito nulo está na possibilidade de inversão livre do sujeito. Tarallo e Kato (1989) afirmam que o Catalão, o Italiano e o Espanhol são línguas que comprovam a realidade desse

parâmetro, bem como os estudos de Rizzi (1882) sobre o Italiano, os estudos de Torrego (1984) sobre o Espanhol, e os estudos de Picallo (1984) sobre o Catalão.

De acordo com esses estudos realizados, à primeira vista, poder-se-ia afirmar que sujeito nulo e inversão livre de sujeito parecem constituir parâmetros distintos. Entretanto, uma língua de sujeito nulo, como o Português, não pode ter livre inversão de sujeito e dialetos Italianos, como o trentino, admitem a inversão livre do sujeito, mesmo sem permitirem a realização foneticamente nula do sujeito.

Além do que foi apresentado, Tarallo e Kato (1989) mostram que a Sociolingüística Paramétrica possibilita uma análise mais interessante do Português, além de dar subsídios para uma lingüística trans-sistêmica a partir do fenômeno VS que ocorre em cada língua estudada e, também, fornece dados a respeito do grau de produtividade do fenômeno em cada uma delas.

Os autores observam ainda o fenômeno das chamadas construções apresentativas, afirmando que

são elas construções que ocorrem com verbos existenciais e de aparecimento, nas quais o sujeito ou é vazio (português, espanhol, italiano), ou é um expletivo semanticamente vazio (francês, trentino, bielês), havendo correspondentemente a essas, formas com o sujeito lexicalmente preenchido com os mesmos elementos que aparecem na posição pós-verbal. (TARALLO; KATO, 1989, p. 16)

Uma característica relevante desse tipo de construção é que ela é restrita a alguns verbos que Eliseu (1984) e Saltarelli (1981) denominaram de verbos ergativos. Para Eliseu, esses verbos não constituem uma subclasse dos intransitivos, mas sim uma classe de verbos à parte, com propriedades que os aproximam dos transitivos de um lado e, também, com os intransitivos.

Resumindo, os autores identificaram, em Português, três fenômenos envolvidos na ordem VS. O primeiro é sobre a sintaxe ergativa, regida lexicalmente, nas quais o SN à direita do verbo é um objeto inacusativo. O segundo fenômeno trata das construções em que o verbo se antepõe ao sujeito, atraído por algum elemento em COMP como pronomes interrogativos, advérbios dêiticos e até a própria flexão. E, por fim, o terceiro fenômeno sobre as construções de antitópico, em que o sujeito é um pronome resumptivo zero, anafórico de um SN em posição adjunta a SN, não-argumental.

Conforme os estudos de Kato e Tarallo (1986) e de Lira (1982, 1986), as análises intra-lingüísticas do Português têm revelado que, na variante falada no Brasil, o sujeito é preferencialmente preenchido. Isto pode ser observado pelo fato de haver a existência e o uso de pronomes tônicos e não –monossilábicos, como você e vocês e de elementos como a gente. Além disso, os pronomes acusativos estão sendo substituídos ou pelas formas nominativas correspondentes, ou sendo eliminadas, causando um tipo de elipse.

Assim, os autores evidenciam que a lingüística de propriedades paramétricas age no sentido do “tudo” ou “nada”, e das probabilidades, no eixo do “mais” ou “menos”. Tarallo e Kato (1989) observam ainda que entre uma e outra lingüística existe uma postura diferenciada diante de um dado analisado. Um exemplo disso seria que o “tudo” ou “nada” do modelo paramétrico sintático aparece nos fatores *knockout* da variação, e o “mais” ou “menos” da variação permite realinhar propriedades paramétricas ou até explicar o porquê de uma mesma língua ter periferia marcada em um parâmetro e não-marcada em outro.

Nesta perspectiva, pode-se dizer, conforme Tarallo e Kato (1989) que

as abordagens trans-lingüísticas caracterizam-se por abordar a variação do ponto de vista da existência ou não de uma determinada propriedade, mas não diferenciam línguas que, embora sendo positivamente marcadas em relação a uma determinada característica, apresentam diferenças quanto ao caráter obrigatório ou livre de uma regra ou em relação à incidência quantitativa de um fenômeno. As análises variacionistas intra-lingüísticas, por outro lado, têm enfatizado justamente os aspectos quantitativos e o caráter categórico ou não de uma regra. (TARALLO; KATO, 1989, p. 30)

Além disso, os autores consideram que seria um despropósito e uma grande injustiça afirmar que a variação intra-lingüística, por se preocupar com estudos de línguas particulares, esteja “a serviço” da variação inter-lingüística. Esta afirmação faria da Gramática Gerativa uma teoria maior. Assim, deve-se destacar que ambas as teorias são grandes e igualmente importantes. Cada uma cresce com as contribuições da outra.

Apesar de esta dissertação não mostrar a variação inter-lingüística, o estudo da Sociolingüística Paramétrica se faz relevante porque as investigações a respeito dos tempos verbais, futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais, no nível intra-lingüístico, poderão dar suporte às investigações no nível inter-lingüístico.

Finalizando, pode-se afirmar, de acordo com Tarallo e Kato (1989), que

a variação inter-lingüística, no realinhamento dos parâmetros sintáticos que pressupõe e prevê, conseguiria informações cruciais em sua busca de refinamento de análise. A variação intra-lingüística, por outro lado, deixaria de se perder em meandros de possíveis fatores condicionadores, evitando, via projeções da variação inter-lingüística, levar a estatística às últimas conseqüências quando a organização do dado, em si só, já anteciparia a irrelevância dos fatores considerados. (TARALLO; KATO, 1989, p.36)



#### 1.4 A Visão da Gramática Tradicional

Para melhor entendimento do fenômeno de variação investigado nesta dissertação, faz-se necessário apresentar como a alternância entre o futuro do pretérito (FP) e o pretérito imperfeito (PI) do indicativo em orações condicionais é descrita nas Gramáticas Tradicionais do Português.

Verifica-se, ao consultar uma Gramática Tradicional da Língua Portuguesa, que o pretérito imperfeito do indicativo é definido como um tempo que expressa uma ação habitual ocorrida em um intervalo de tempo passado e que o futuro do pretérito do indicativo é marcado por noções de hipótese, incerteza ou futuro relativo a um momento passado.

Alguns autores, como Cunha e Cintra (1985), Cegalla (1979), Melo (1978) e Bechara (1999) afirmam que um tempo pode ser substituído pelo outro, de acordo com os valores semânticos em que as ocorrências aparecem. Entretanto, há outros, como Rocha Lima (1978), que não fazem menção à alternância em questão.

A seguir, será apresentada a descrição desse fenômeno de variação que os autores supracitados fazem em suas respectivas gramáticas.

Ao tratar do pretérito imperfeito do indicativo, Cunha e Cintra (1985) incluem, entre a lista dos possíveis empregos deste tempo verbal, a substituição do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do indicativo. Entretanto, os autores restringem a aplicação deste uso aos períodos hipotéticos, ou seja, incertos, conforme se pode verificar a seguir.

... tempo que pode ser empregado pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria conseqüência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 440)

(1) — Se eu não fosse mulher, **ia** também!

Já sobre o futuro do pretérito, esses autores afirmam que é “um tempo empregado nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão.”

(2) Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.<sup>8</sup>

Nos exemplos (1) e (2), percebe-se uma tendência em substituir um tempo pelo outro, levando em consideração a noção de irrealidade existente no contexto.

Nessa mesma gramática, é apresentada a seguinte observação a respeito da alternância entre PI e FP:

O futuro do pretérito pode ser substituído pelo imperfeito do indicativo nas orações condicionais. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu **estaria** perdido.

Sem a sua interferência, eu **estava** perdido.

Na primeira, o fato principal (estar perdido) é apresentado como conseqüência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato e inelutável dela. (CUNHA; CINTRA, 1985, p.452, grifo nosso)

---

<sup>8</sup> CUNHA; CINTRA, 1985, p.451.

A observação acima, de Cunha e Cintra, procura diferenciar um tempo do outro com a relação de consequência ou de efeito imediato. Porém, essa diferenciação aparece como uma simples nota, sem maiores esclarecimentos e outros exemplos.

Ao abordar o emprego do pretérito imperfeito, Cegalla (1979, p. 375, 378) afirma que “o pretérito imperfeito substitui o futuro do pretérito e também que se usa o pretérito imperfeito em orações adverbiais condicionais”.

(3) Se trabalhasses, **estavas**, rico. (estavas= estarias)<sup>9</sup>

(4) Se soubesse, não **perguntava**.<sup>10</sup>

Percebe-se, no exemplo (3), que o autor estabelece a igualdade entre *estavas=estarias*, sem tecer comentários e explicações. E, também, apresenta o exemplo (4) sem analisar o uso do pretérito imperfeito na oração condicional.

Sobre o futuro do pretérito, Cegalla (1979, p.377) afirma que este tempo verbal “exprime um fato dependente de condição”, a partir do exemplo em (5), mas não apresenta explicações sobre o tempo verbal utilizado.

(5) Eu **iria**, à festa, se não chovesse.

Outro autor que aborda o assunto é Melo (1978, p.182). O autor afirma que “sobretudo na linguagem familiar, emprega-se o imperfeito pelo futuro do pretérito”. Entretanto, o autor não apresenta um exemplo com o imperfeito do indicativo em

---

<sup>9</sup> A igualdade “estavas=estarias” é estabelecida por Cegalla, 1979, p. 378. (grifo nosso)

<sup>10</sup> CEGALLA, 1979, loc.cit. (grifo nosso)

orações condicionais – *comprava* – e sim com o futuro do pretérito –*compraria*, conforme (6) a seguir.

(6) Se eu tivesse dinheiro, **compraria** uma casa.<sup>11</sup>

Melo, assim como os outros gramáticos citados, não apresenta reflexões para as observações sobre a substituição de um tempo pelo outro. O autor faz observações sobre a alternância, mas não faz comparações, assim como não dá explicações para o uso dos tempos verbais em orações condicionais.

Ao tratar da alternância dos tempos verbais em orações condicionais, Bechara (1999, p.278) afirma que “pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante”. Com o exemplo (7), Bechara mostra a alternância, porém, não faz outros comentários e reflexões.

(7) Se me desprezasses, **morreria, matava-me**.<sup>12</sup>

Pode-se observar, por meio dos exemplos e definições apresentados, que a GT não consegue abranger o assunto de maneira exaustiva.

Poucos autores explicam a diferença de sentido expressa por um tempo como forma substitutiva do outro. Quando há essa preocupação, ela não passa de uma simples nota sem maiores explicações, o que dificulta seu entendimento.

---

<sup>11</sup> MELO, 1978, p.184

<sup>12</sup> BECHARA, 1999, p.278.

Sem dúvida, este é um assunto que merece maiores reflexões. Em linhas gerais, observa-se que os gramáticos tendem a estabelecer uma relação com a modalidade oral da língua e com um registro coloquial, familiar, informal, ou como estratégia de polidez no que se refere ao emprego de PI no lugar de FP.

## **1.5 Estudos relevantes sobre o assunto**

Nesta seção, serão apresentadas algumas pesquisas que abordam direta ou indiretamente o tema da alternância em questão. Entre elas, as únicas que trataram o tema de modo específico e sob o enfoque variacionista foram Costa (1997) e Silva (1998).

### **1.5.1 A Proposta de Costa (1997)**

Costa (1997), em uma perspectiva variacionista, procura identificar ambientes lingüísticos e fatores sociais e discursivos que levam à preferência de um tempo verbal em relação ao outro.

A autora investiga a alternância do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito no português informal no Rio de Janeiro. Segundo Costa, o pretérito imperfeito, acompanhando a preferência por textos narrativos, é favorecido em se tratando de tempo passado e o futuro do pretérito aparece em contextos que remetem a um tempo prospectivo.

A autora investiga a variação dos tempos verbais em diferentes ambientes lingüísticos, a saber: no período hipotético, na oração principal, nas orações encaixadas e nas orações independentes.

Para a autora, o período hipotético é formado pela oração condicional, também tratada como “prótase” ou “oração condicionante”, mais uma oração principal, conhecida como “apódose” ou “oração condicionada”. Sobre esta terminologia, Costa (1997) considera que

os termos ‘prótase’ e ‘apódose’ são também utilizados por força da tradição gramatical grega, de modo que o período hipotético canônico pode ser resumido no esquema: SE + PRÓTASE + APÓDOSE. As denominações “orações antecedentes (= prótase) e “oração conseqüente” (= apódose) também são encontradas na literatura gramatical contemporânea, como em Mateus et alli (1989). Aliás, estas autoras, bem como Silva Corvalán (1988), em vez de “período hipotético”, utilizam o rótulo “construções condicionais” para o conjunto formado por prótase e apódose. (COSTA, 1997, p. 14)

Alguns exemplos da autora mostram os ambientes de períodos hipotéticos, aos quais ela se refere.

- (8) ...se isso acontecesse eu **pirava** de vez, sabia?
- (9) Sendo necessário, **faria** regime para emagrecer.
- (10)... eu por mim a Beija-flor todo ano **ganhava**,...
- (11) [Se você tivesse vindo] A viagem **seria** muito mais encantadora. <sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Exemplos de 8-11 extraídos de Costa, 1997, p. 20.

Em (8), (9), (10) e (11), a autora apresenta a alternância entre o imperfeito e o futuro do pretérito do indicativo em diferentes ambientes em que as apódoses aparecem. Em (8), há um período hipotético iniciado por “se”; em (9), aparece um período hipotético iniciado por oração reduzida de gerúndio; em (10), a autora apresenta a apódose antecedida de adjunto adverbial de condição; e, em (11), há uma apódose com oração condicionante (prótase) implícita.

Nos exemplos com as orações principais, apresentados por Costa, pode-se perceber, também, a variação entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito. Costa (1997, p.21) afirma que “O FP também varia com o PI em orações principais denotadoras de irrealis”, como em (12) e (13).

(12)..**seria** pior deixar que ele fosse cada vez mais se envolvendo...

(13)... Aí, minha mãe falou: Pôxa, **era** uma boa que você continuasse porque...<sup>14</sup>

O outro ambiente sintático-semântico que a autora investiga é o ambiente das orações encaixadas. No caso das orações objetivas, a autora afirma que a variação ocorre quando há contextos de discurso indireto, em que o núcleo da oração principal é um verbo *dicendi*, como no exemplo (14), ou um verbo de opinião – conforme os exemplos (15) e (16). A autora, também, exemplifica contextos em que aparecem as orações adjetivas com essa alternância, – exemplo (17).

(14) ...chamamos ela, ela disse que não **ia vir**.

(15) Acho que eu não **teria** coragem de viajar em navio.

---

<sup>14</sup> Exemplos 12 e 13 extraídos de Costa, 1997, p.21.

- (16) Acho que um dinheiro da Loto **dava** para fazer muita coisa.
- (17) Tinha que –que ver o que que **era** bom para ela, o que **era** ruim.<sup>15</sup>

Observa-se, então, que são vários e diferentes os contextos sintáticos em que a alternância PI x FP ocorre. Contudo, deve-se destacar que, na presente dissertação, será investigada a ocorrência desse fenômeno de variação somente em orações condicionais iniciadas por “se”, tendo em vista que esta ocorrência é bastante significativa no Português falado do Brasil.

Além da identificação dos ambientes lingüísticos apresentados anteriormente, Costa (1997, p.12) afirma que “tal variação não é binária, pois encontramos paralelamente a estes tempos verbais, suas formas perifrásticas”.

Assim, a autora apresenta as variações encontradas em seus dados, com exemplos de um slogan – exemplo (18) - da imprensa escrita e falada que foi utilizado em seu trabalho. Os exemplos (18), (19), (20) e (21) são apresentados por Costa para ilustrar o fenômeno de variação.

- (18) PRETÉRITO IMPERFEITO SIMPLES (IMP)  
(Se eu fosse você, só **usava** Valisére.)
- (19) FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES (FP)  
(Se eu fosse você, só **usaria** Valisére.)
- (20) PRETÉRITO IMPERFEITO EM PERÍFRASE (IA + V)  
(Se eu fosse você, só **ia usar** Valisére.)
- (21) FUTURO DO PRETÉRITO EM PERÍFRASE (IRIA + V)  
(Se eu fosse você, só **iria usar** Valisére.)<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Exemplos 14-17 retirados de Costa, 1997, p. 22.

<sup>16</sup> Exemplos 18-21 extraídos de Costa, 1997, p. 12.



Diante das ocorrências observadas nos exemplos acima, Costa (1997) conclui que as perífrases de imperfeito e de futuro não são simplesmente formas substitutas dos tempos, pois possuem contextos sociais e lingüísticos próprios. Segundo Costa (1997, p. 184), “em termos sintático-semânticos, as construções perifrásticas ocorrem mais em estruturas encaixadas, seja com verbo *dicendi* ou de opinião.”

Outra constatação da autora é a possibilidade de a forma do futuro ser mais conservadora, pois, de acordo com seus resultados, esta é a variante usada pelos mais velhos e pelos que foram mais expostos à instrução formal.

Costa constatou, também, que as formas perifrásticas de futuro do pretérito (IRIA+V) são preferidas pelos mais velhos ao passo que a variante do pretérito imperfeito do indicativo (IA+V) possui traços próprios de uma forma inovadora, por isso predomina entre os mais jovens e é típica da fala.

Os resultados obtidos por Costa revelam, ainda, que o PI é a variante própria do texto narrativo e a variante FP é usada idealmente em contextos argumentativos.

### **1.5.2 A Pesquisa de Silva (1998)**

Silva (1998) desenvolve sua pesquisa, na perspectiva sincrônica, acerca da alternância verbal *-va -ia / -ria* entre os falantes florianopolitanos. A autora descreve o uso da variável das formas de PI e FP, em verbos únicos e locuções, identificando os contextos discursivos em que se manifestam.

Em seu trabalho, Silva delimita a variável, apontando três possibilidades de variação, conforme se pode evidenciar abaixo.

Considerando-se o que diz a gramática normativa, pode-se apontar três possibilidades diferentes de variação, a saber: 1) uso do pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito (valor: certeza sobre os fatos futuros); 2) uso do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito (valor: incerteza sobre os fatos passados); e 3) uso de uma ou de outra dessas formas pelo presente (valor: polidez). Observando nossos dados, percebemos a ocorrência dessas três possibilidades, mas não tão sistematicamente associadas aos valores modais previstos pela tradição gramatical. (SILVA, 1998, p. 16)

Para ilustrar a afirmação acima, a autora apresenta alguns exemplos, conforme (22) e (23), a seguir.

(22) Se eu tivesse o problema que eu já tive, tivesse no INPS, eu já **tinha morrido**, ó, muito tempo.”

(23) Se a minha filha ficasse grávida, não casasse, se ela quisesse optar por querer tirar o filho, eu jamais eu **ia querer**, eu **ia querer** meu neto. Mas uma coisa que ela não quisesse mesmo, que ela própria rejeitasse a criança, eu **faria** isso aí, eu **levava** ela lá e **tirava** o neném e pronto.<sup>17</sup>

Uma questão interessante na pesquisa de Silva refere-se ao paralelismo formal. A autora testa o princípio do paralelismo segundo o qual “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. (SILVA, 1998 apud POPLACK, 1979, p.80)

A autora leva também em consideração a afirmação de Scherre (1998) de que “o paralelismo pode se dar entre uma oração e outra anteriormente considerada, em diferentes fenômenos lingüísticos”. Para Silva, esta afirmação pode ser equivalente à presença das formas PI e FP no discurso precedente do informante ou na fala do

---

<sup>17</sup> Exemplos 22 e 23 extraídos de Silva, 1998, p. 17.

entrevistador. A autora afirma ainda que o informante continua usando a forma já ativada, em virtude do paralelismo ocasionado no discurso. Outra possibilidade é a ocorrência do paralelismo por meio do efeito gatilho, ou seja, o informante tenderia a usar o mesmo tempo verbal que o entrevistador usou na fala ou na pergunta.

Assim, Silva considera que se deve observar a forma verbal contida na pergunta do entrevistador. Para a autora, há que se investigar o efeito gatilho produzido pela fala do interlocutor que está monitorando a entrevista. O exemplo (24) ilustra este possível controle ou influência da fala do entrevistador na fala do entrevistado.

- (24) E: E se você fosse votar hoje, em quem você **votaria**?  
F: Se eu fosse votar hoje, **votaria** nele também. Mas eu **votaria** nesse, como é que tu falaste?<sup>18</sup>

Silva investiga, também, o grau de formalidade que permeia o discurso, por considerar que alguns contextos das entrevistas são menos formais por se tratar apenas de relatos sobre experiências pessoais já vividas, contudo, há momentos em que o informante emite uma opinião, o que mostra mais formalidade sobre o que é argumentado.

Deve-se destacar, ainda, que a própria autora admite que os dados computados em sua pesquisa para cada variável são reduzidos, pois utilizou duas entrevistas para cada uma das duas faixas etárias que selecionou – 25 a 49 anos e acima de 50 anos.

Mesmo assim, Silva obteve resultados importantes e relevantes. Os dados da autora evidenciaram que as locuções verbais são as formas mais recorrentes da

---

<sup>18</sup> Exemplo (24) extraído de Silva, 1998, p. 97.

alternância entre PI e FP. Além disso, Silva constatou que há maior incidência de “ia” do que de “ria”.

A autora confirmou, também, sua hipótese de que, conforme o paralelismo formal, PI leva a PI e FP leva a FP. É interessante ressaltar que Silva (1998, p. 130) conclui que “no ambiente sintático, a distribuição da ordem canônica de prótase + apódose atua no emprego de PI e, a alteração da ordem canônica (apódose + prótase) condiciona o uso de FP”.

Finalmente, é necessário observar que tanto Silva (1998) quanto Costa (1997), obtiveram dados que comprovaram que as perífrases ocorrem em orações encaixadas do discurso indireto e que o PI é preferencialmente empregado pelos mais jovens.

### **1.5.3 O Estudo de Tapazdi e Salvi (1998)**

O trabalho de Tapazdi e Salvi (1998) tem por enfoque os tempos verbais nas orações condicionais. Estes autores consideram que “o Português Europeu dá preferência às formas do imperfeito do indicativo. Por outro lado, no Português do Brasil, as formas do condicional simples são muito mais freqüentes do que as do imperfeito do indicativo”.<sup>19</sup>

Para estes autores, a escolha do condicional simples no Português Europeu (PE) caracteriza textos mais sofisticados, enquanto no Português Brasileiro (PB) se observa uma tendência para utilizar certos verbos, como ir, no imperfeito do indicativo. Os autores consideram, ainda, que os brasileiros, para serem mais corteses, dão preferência às formas do condicional simples.

---

<sup>19</sup> TAPAZDI; SALVI, 1998.

(25) se fosse um porco **era** fácil... ele virar salsicha.<sup>20</sup>

Ao apresentar o exemplo (25), os autores afirmam que, quando há este tipo de ocorrência no PB, é porque se quer expressar possível falsidade. Além disso, Tapazdi e Salvi mostram que são poucos os exemplos, no PB, com o imperfeito do indicativo na apódose, ao contrário dos exemplos que eles apresentam em PE em que este uso é freqüente. Exemplos como o (25) do PB - em que há imperfeito do indicativo na apódose - foram pouco encontrados, ao contrário do que ocorre na língua falada do PE.

Tapazdi e Salvi apresentam os exemplos (26) e (27) do PB com o emprego de PI.

(26) ...se fosse o negócio **ia** longe...

(27) ...porque digamos que você começasse a fazer...então **ia aproveitar** a linha do bonde...<sup>21</sup>

Esse estudo de Tapazdi e Salvi (1998) possibilita a comparação entre a alternância verbal de PI e FP no PB, tendo em vista a ordem em que aparecem as orações condicionais, isto é, se aparecem na ordem canônica (se + prótase + apódose) ou não.

---

<sup>20</sup> TAPAZDI; SALVI, 1998. (grifo nosso)

<sup>21</sup> Ibid. (grifo nosso)

#### 1.5.4 O Trabalho de Hirata (1998)

Outro trabalho relevante é a proposta de Hirata (1999). A autora apresenta uma das questões mais recorrentes no estudo das orações condicionais: a ordem em que as mesmas aparecem nos períodos. Segundo Hirata, a ordem usual é a prótase preceder a apódose.

Nesse trabalho, a autora discute a questão do posicionamento das prótases em construções condicionais do PB, utilizando a teoria de Comrie (1986) que explica a anteposição da oração condicional. A explicação dada nesta teoria é a de que a prótase é marcada como não-factual. Para Comrie (1986), quando se tem uma prótase, marcada, à frente de uma apódose – não-marcada, evita-se que a apódose seja interpretada como factual.

Segundo Hirata, as posições mais recorrentes das orações condicionais, no Português escrito do Brasil, são a anteposição e a posposição, ao passo que as intercaladas raramente aparecem. A autora afirma que

...pode-se perceber que as orações condicionais funcionam como 'preenchedores sintáticos', nos termos de Kato & Tarallo et alii (1993), uma vez que ocorrem mais freqüentemente às margens da oração núcleo – à esquerda, no caso das antepostas, à direita, nas pospostas – que intercaladas em parte dela.(HIRATA ,1999, p. 580)

É interessante destacar a conclusão de Hirata sobre o posicionamento da oração condicional anteposta à oração principal no período. Segundo a autora, isso se deve mais a fatores discursivos que estruturais, porém, os últimos não são menos

importantes. A autora acredita, ainda, que esses fatores refletem uma escolha, por parte do falante ou do escritor, que se baseia em suas necessidades e nas condições da situação comunicativa em que o discurso está inserido, para, então, poder optar pela ordem não-marcada ou marcada.

Hirata afirma, também, que a ordem mais comum é a precedência da prótase sobre a apódose, e que “isto se deve a fatores estruturais e discursivos, tais como a referência temporal, o grau de hipoteticidade e a função exercida pela oração condicional”.<sup>22</sup>

Isso posto, o presente trabalho investigará a ordem das orações de um período, ou seja, as ocorrências com prótase + apódose e também com apódose + prótase. Assim, serão analisados e descritos estes dois tipos de períodos apresentados.

### **1.5.5 O Estudo de Travaglia (1985)**

Ao tratar do pretérito imperfeito em substituição ao futuro do pretérito, Travaglia (1985) afirma que

o pretérito imperfeito do indicativo não atualiza nenhum aspecto [...] quando é empregado pelo futuro do pretérito, normalmente para

---

<sup>22</sup> HIRATA, 1999, p. 582.

expressar uma situação que seria consequência certa de outra que não ocorreu. (TRAVAGLIA, 1985, pp. 169-170).

E, ao tratar do futuro do pretérito, Travaglia (1985, p.173) mostra que este tempo não marca qualquer aspecto porque “marca o tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas” e também afirma que este tempo “tem um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto”.

Travaglia (1985) apresenta duas frases:

(28) Eu **teria lido** o livro se eu o tivesse encontrado.

(29) Mirtes **estaria morando** conosco se vocês não fossem tão incompreensivos.<sup>23</sup>

O autor considera que “o futuro do pretérito perde a noção de futuro e fica apenas com a função de introduzir a noção modal de possibilidade (hipótese) em uma situação passada hipotética”<sup>24</sup> – conforme (28), “ou em uma situação presente hipotética” – conforme (29).

Assim, deve-se analisar a alternância do PI e FP tendo em vista que, quando um tempo é substituído pelo outro, a marca de aspecto será restringida, ou seja, será enfraquecida, conforme Travaglia (1985).

<sup>23</sup> Exemplos 28 e 29 extraídos de Travaglia, 1985, p. 174.

<sup>24</sup> TRAVAGLIA, 1985, loc.cit.



## 1.6 Conclusão

Neste capítulo, foram apresentados os modelos teóricos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho: Sociolingüística Laboviana e Sociolingüística Paramétrica, de Tarallo e Kato (1989).

Além disso, foi descrita a visão da gramática tradicional acerca da alternância do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito do indicativo em orações condicionais. Neste sentido, foram apresentadas as descrições de gramáticos como: Cunha e Cintra (1985), Cegalla (1979), Melo (1978) e Bechara (1999).

E, por último, foram apresentadas pesquisas relevantes sobre o fenômeno de variação investigado, a saber, os trabalhos de Costa (1997), Silva (1998), Tapazdi e Salvi (1998), Hirata (1999) e Travaglia (1985).

## CAPÍTULO 2

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 2.1 Introdução

Neste capítulo, será apresentado o *corpus* utilizado nesta pesquisa. A seguir, serão descritas as hipóteses levantadas sobre a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais. Além disso, serão apresentados os objetivos deste trabalho. E, por fim, o envelope de variação utilizado nesta pesquisa.

#### 2.2 O *corpus* da pesquisa

O universo desta pesquisa foi formado por um *corpus* de 45 entrevistas, por meio de um recorte da língua falada no Português do Brasil, investigando-se a região do Triângulo Mineiro do estado de Minas Gerais, especificamente, a cidade de Uberlândia.

Os informantes da pesquisa caracterizam-se como 45 indivíduos adultos de ambos os sexos, todos nascidos nesta cidade e compuseram três grupos de idade: o primeiro envolveu pessoas de 20 a 30 anos; o segundo, informantes de 31 a 45 anos e o terceiro foi composto por aqueles com idade acima de 46 anos, conforme Anexo 1.

Vale ressaltar que a composição dos grupos de idade baseou-se em Labov (2001), embora tenha sido feita uma adaptação aos grupos etários de acordo com a realidade brasileira. Labov (2001) considera que

Divisions of the age continuum into groups must be roughly consonant with life stages. In modern American society, these events are alignment to the pre-adolescent peer group (8-9), membership in the pre-adolescent peer group (10-12), involvement in heterosexual relations and the adolescent group (13-16), completion of the secondary schooling and orientation to the wider world of work and/or college (17-19), the beginning of regular employment and family life (20-29), full engagement in the work force and family responsibilities (30—59), retirements (60s)<sup>25</sup>.(LABOV, 2001, p. 101).

Para a seleção dos informantes, foi considerada, também, a classe social. E, para agrupar os indivíduos em classes sociais, utilizou-se o Critério Brasil, que é um critério que tem por objetivo medir o poder aquisitivo do consumidor. Esse critério propõe a divisão da população brasileira em classes sociais estabelecidas de acordo com o grau de escolaridade e a posse de bens de consumo duráveis dos chefes de família. Nesse critério, um quadro com cinco itens investiga o grau de escolaridade e outro com dez itens averigua a posse de bens de consumo. A cada possibilidade corresponde um valor numérico e o total de pontos obtidos permite que o indivíduo seja encaixado em classes sociais diferenciadas.

---

<sup>25</sup> Divisões em grupos de um continuum de idade devem ser consoantes, de modo aproximado, com os estágios da vida. Na sociedade americana moderna, esses estágios estão em alinhamento com: grupos de pré-adolescentes (8-9), membros de grupos de pré-adolescentes (10-12), envolvimento em relações heterossexuais e grupos de adolescentes (13-16), Ensino Médio completo e orientação para o mundo do trabalho e/ou universidade (17-19), o início de emprego regular e constituição de família (20-29), total engajamento no mundo do trabalho e responsabilidades familiares (30-59), aposentadoria (60 em diante). (Tradução nossa)

Embora o Critério Brasil proponha uma estratificação da população brasileira em cinco classes – A, B, C, D e E, com as duas primeiras se subdividindo em A1 e A2, B1 e B2 –, conforme Anexo 2, optou-se nesta pesquisa pelo amalgamento das classes A1 e A2 em classe A, B1 e B2 em classe B, classes C, D e E em C.

Para a seleção dos informantes da comunidade de Uberlândia, foi preparado um questionário (Anexo 3), conforme o Critério Brasil, e distribuído aleatoriamente. Em seguida, foi realizada a seleção de acordo com a classe social e a idade dos informantes. De acordo com estes dois grupos de fatores, foram selecionadas 45 pessoas para compor o *corpus* de análise desta pesquisa. Posteriormente, foi elaborado um roteiro para as entrevistas (Anexo 4) que foi realizado com cada informante por meio de entrevistas gravadas.

Como este trabalho filia-se à Sociolinguística, que tem por objeto a língua falada no seu estado mais natural e espontâneo, procurou-se assegurar a maior proximidade possível do vernáculo durante a coleta de dados. Neste sentido, as entrevistas foram conduzidas de forma a deixar o informante à vontade. Assim, foram feitos questionamentos sobre a vida pessoal do indivíduo, sobre avaliações, julgamentos e posicionamentos a respeito de algum assunto. Esses tipos de questões levaram o falante a libertar-se de prováveis monitoramentos da linguagem e produzir textos mais espontâneos. Cada entrevista realizada teve a duração média de 50 minutos e a transcrição dos textos foi feita de maneira integral, tal como foram produzidos pelos entrevistados.

A fim de ser assegurada representatividade aos dados, foram selecionadas cinco pessoas para cada fator extralingüístico. Como nesta pesquisa há dois desses fatores subdivididos em três subfatores, o número de informantes resultou em 45.

Como a natureza deste trabalho exige um tratamento estatístico, foram utilizados programas do Pacote Varbrul (SANKOFF, 1988) que é um programa fundamental para a análise variacionista, pois, operando com processos matemáticos, apresenta porcentagens e estatísticas ao analisar grupos de fatores em função de uma variável dependente.

### **2.3 Hipóteses**

Para desenvolvimento da pesquisa foram levantadas as seguintes hipóteses:

#### **Hipótese geral:**

- O pretérito imperfeito do indicativo é empregado em substituição ao futuro do pretérito, em orações condicionais, na língua falada.

#### **Hipóteses específicas:**

- O tamanho pequeno da oração favorece o emprego do pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais.
- A ordem prótase + apódose favorece o uso do pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais.
- O paralelismo formal favorece o emprego do tempo verbal.
- A classe baixa utiliza mais o pretérito imperfeito do indicativo que as classes média e alta.
- Os indivíduos de faixa etária de 20 a 30 anos utilizam mais o pretérito imperfeito do indicativo nas orações condicionais.

## 2.4 Objetivos

Diante das hipóteses levantadas, este trabalho tem os seguintes objetivos:

### **Objetivo geral:**

- Investigar a alternância do pretérito imperfeito do indicativo e do futuro do pretérito em orações condicionais, na língua falada.

### **Objetivos específicos:**

- Investigar se as orações condicionais de tamanho pequeno favorecem o emprego do pretérito imperfeito do indicativo. .
- Investigar se ordem prótase + apódose favorece o uso do pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais.
- Investigar se o paralelismo formal favorece o emprego dos tempos verbais em análise.
- Investigar se a classe baixa utiliza mais o pretérito imperfeito do indicativo que as classes média e alta.
- Investigar se os indivíduos de faixa etária de 20 a 30 anos utilizam mais o pretérito imperfeito do indicativo nas orações condicionais.

## 2.5 O Envelope de Variação

O envelope de variação desta pesquisa foi composto por fatores lingüísticos e não-lingüísticos, conforme proposto na metodologia da Sociolingüística Quantitativa.

Foram analisados 45 textos orais do PB, tendo em vista as hipóteses e objetivos já mencionados neste capítulo.

A seguir, será apresentado o envelope de variação, seguido dos grupos de fatores a serem analisados.

### **Envelope de Variação**

#### **Variável dependente:**

- (0) futuro do pretérito do indicativo (FP)<sup>26</sup>
- (1) pretérito imperfeito do indicativo (PI)

#### **Grupos de fatores:**

Grupo 1: Tamanho da oração

- (a) grande
- (b) pequena

O critério estabelecido para o tamanho da oração foi o seguinte: foram consideradas como orações grandes aquelas que possuem advérbios ou orações

---

<sup>26</sup> As locuções verbais de cada um dos tempos investigados foram analisadas juntamente com os verbos simples.

intercalados e como pequenas aquelas que não possuem esses advérbios ou orações. Esse critério pode ser verificado nos exemplos 30 e 31 – orações grandes – e nos exemplo 32 e 33 – orações pequenas.

(30) ...se o meu marido precisasse mudar desde que fosse prum lugar que me desse oportunidade de desempenhar a minha carreira não **precisava** ser um emprego... (CAS- 7- 1)<sup>27</sup>

(31) ...se realmente ela não tivesse ido a luta, não tivesse trabalhado, não sei o que **ia acontecer** não...(AM- 300-22)

(32) ...se tivesse recurso **tentaria coloca-lo** numa clínica. (CAS- 2- 1)

(33) se eu ganhasse sozinho na loteria, eu **ia pega** o juro de dois dias... (KAS- 310- 23)

## Grupo 2: Ordem da sentença

(c) prótase + apódose

(d) apódose + prótase

Deve-se entender “prótase” como a oração subordinada condicional e “apódose” como a oração principal do período composto. É importante salientar que a ordem canônica do Português do Brasil é “prótase + apódose”, conforme (34) e (35) e a ordem não-canônica é “apódose + prótase”, como se observa em (36) e (37).

<sup>27</sup> Cada informante da pesquisa possui um código (sigla) referente às iniciais do seu nome, conforme Anexo 1. Portanto, as letras referem-se a esse código. Já os números demonstram, primeiramente, o número da amostra e, em seguida, o número da entrevista realizada.



(34) Se eu pudesse, eu **teria lido** mais...(CAS- 11- 1)

(35) Se eu descobrisse, eu **ia tirar** satisfação com a pessoa. (FAM- 34 – 2)

(36) Eu **ia procurar** alguma instituição, alguma coisa pra ver se assim eu gostaria, se ele aparecesse na minha porta. (FAM- 44 –2)

(37) Eu acho que a minha vida **podia ter sido** bem melhor, se eu não tivesse casado com essa pessoa. (SMS- 542- 36)

### Grupo 3: Paralelismo formal (Ocorrência de gatilho)

(e) paralelismo (presença)

(f) não-paralelismo (ausência)

Conforme já foi mencionado, o paralelismo formal é a ocorrência em cadeia da mesma forma lingüística. Neste grupo, foram analisadas as falas do entrevistado para verificar se o paralelismo favoreceu uma das formas verbais em questão: o futuro do pretérito ou o pretérito imperfeito do indicativo nas orações condicionais.

Segundo Silva (1998), deve-se observar, também, que pode haver o paralelismo na própria fala do entrevistado ou na fala do entrevistador (efeito gatilho).

A adoção do termo baseia-se em Costa (1997) que considera que

Dentre a variedade terminológica, encontramos denominações como 'gatilho', 'traço popular', 'repetição', etc.[...] Adotaremos o termo gatilho denominando uma espécie peculiar de paralelismo. A metáfora expressa por este nome parece ideal para veicular a idéia de que **na fala do entrevistador há formas que podem desencadear outras na fala do informante**. (COSTA, 1999, pp. 97-99)

Em (38) e (39), pode ser observada a ocorrência do paralelismo na fala do entrevistado. Já em (40) e (41), percebe-se a não-ocorrência de paralelismo formal na fala do informante.

(38) Se eu ganhasse na loteria **ajudaria** toda a minha família, né, **viajaria** muito, **teria** uma big lua-de-mel, porque eu amo a minha esposa.  
(RC- 85- 8)

(39) Se eu achasse um bebê abandonado, eu **acolheria, acolheria, e daria** a esse bebê, né, uma família e também né, **integraria**... (RC-91-8)

(40) Se eu pudesse, eu **ia ajuda** muita instituição de caridade.  
(EAM-107 - 11)

(41) Se eu achasse um bebê, eu **procurava** o juiz... (JSM- 136 – 14)

#### Grupo 4: Classe social

- (g) classe alta ( Classe A)
- (h) classe média (Classe B)
- (i) classe baixa (Classe C)

#### Grupo 5: Faixa etária

- (j) 20 a 30 anos
- (k) 31 a 45 anos
- (l) acima de 45 anos

## 2.6 Conclusão

Neste capítulo, foi apresentado o corpus da pesquisa, bem como os objetivos e as hipóteses deste trabalho. Além disso, foi apresentado o envelope de variação utilizado na pesquisa, juntamente com os exemplos de cada grupo de fator pesquisado.

Finalmente, é necessário esclarecer que, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão apresentada em Tarallo, Kato *et alii* (1989), a saber:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera (...) ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano (...), decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados

(nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente: (...) (TARALLO, KATO *et alii*, 1989, pp.38-39).

## CAPÍTULO 3

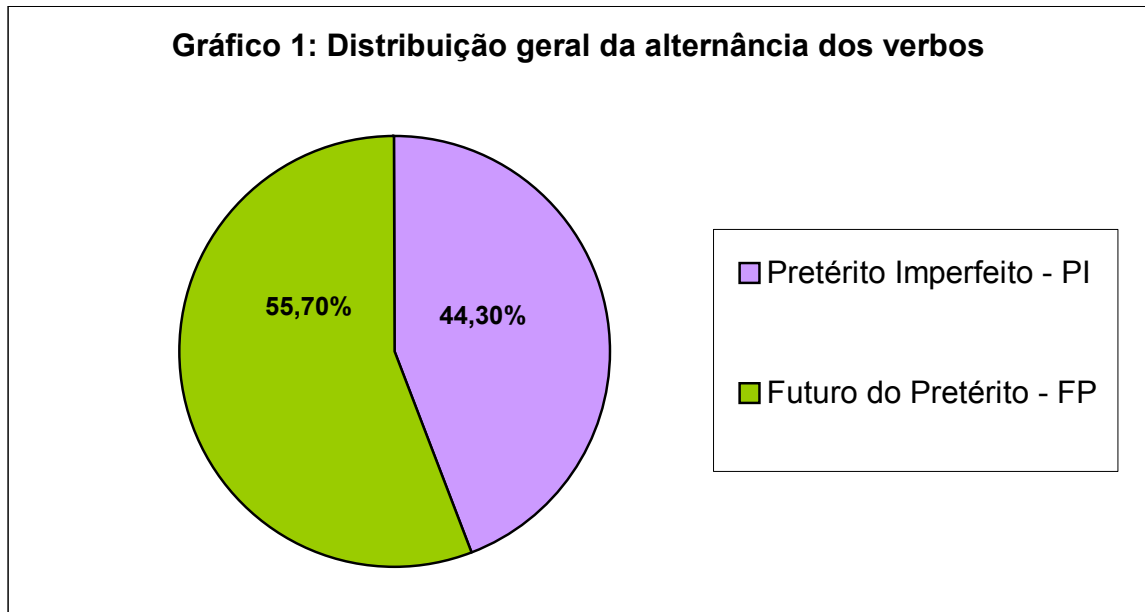
### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 3.1 Introdução

Neste capítulo, será apresentada a análise dos dados obtidos, após o cruzamento da variável dependente e dos grupos de fatores apresentados no capítulo anterior.

No intuito de tornar a exposição mais clara, a análise será realizada por tópicos, de acordo com os fatores em foco. Antes, porém, será apresentado um gráfico da distribuição geral da alternância dos tempos verbais em orações condicionais.

O *corpus* compôs-se de 695 dados, distribuídos nos seguintes tempos verbais: futuro do pretérito (FP) e pretérito imperfeito (PI) do indicativo.



Os dados obtidos no Gráfico 1<sup>28</sup> referem-se à alternância entre os dois tempos verbais investigados nesta pesquisa, ou seja, entre PI e FP.

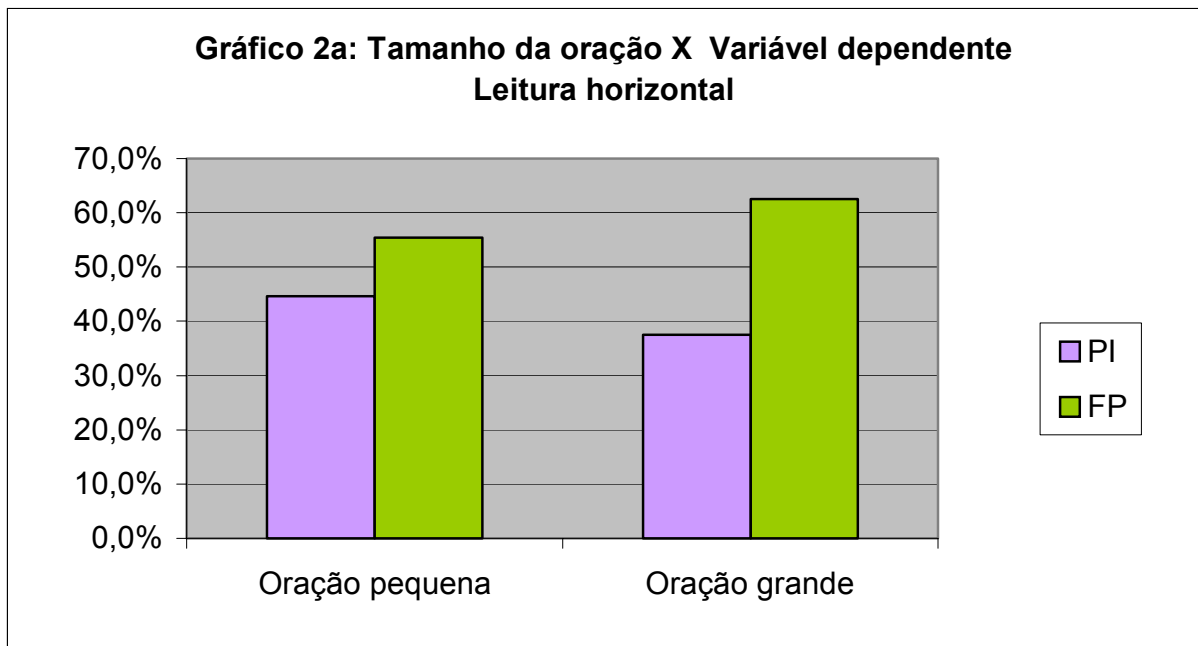
Percebe-se, no Gráfico 1, um percentual de 55,7% de FP e um índice de 44,3% de PI. Esses resultados revelam que as duas formas distribuem-se de forma harmônica, uma vez que a diferença de frequência entre PI e FP (11,4%) não é significativa.

A seguir, serão apresentados os cruzamentos relevantes no que se refere aos fatores lingüísticos – tamanho da oração, ordem da sentença e paralelismo formal – e aos fatores extralingüísticos, a saber: classe social e faixa etária, com a variável dependente.

<sup>28</sup> Cada gráfico apresentado neste capítulo possui uma tabela correspondente, conforme Anexo 5. Além disso, deve-se esclarecer que, em cada cruzamento apresentado, serão analisados dois gráficos. O primeiro refere-se à leitura horizontal dos dados e o segundo refere-se à leitura vertical dos dados obtidos na pesquisa.

### 3.2 Tamanho da oração X Variável dependente

Nesta seção, será apresentado o cruzamento realizado entre o tamanho da oração e a variável dependente. Serão apresentados os Gráficos 2a e 2b sobre esse cruzamento. O primeiro refere-se a uma leitura horizontal dos dados obtidos e o segundo, a uma leitura vertical.



Em relação ao Gráfico 2a, pôde-se observar que, analisando somente as orações pequenas em PI (44,6%) e em FP (55,4%), verifica-se uma diferença percentual de 10,8% entre o tamanho pequeno das orações nos dois tempos verbais. Essa diferença é insignificante e revela que a oração de tamanho pequeno não

favorece o emprego de nenhum dos dois tempos verbais, ou seja, não favorece o emprego de PI nem o de FP.

Por outro lado, ao observar somente as orações grandes em PI (37,5%) e em FP (62,5%), pode-se verificar que há uma diferença significativa de 25% entre as orações grandes nos dois tempos verbais investigados. Essa diferença significativa revela que a oração de tamanho grande pode favorecer o emprego da variante FP.

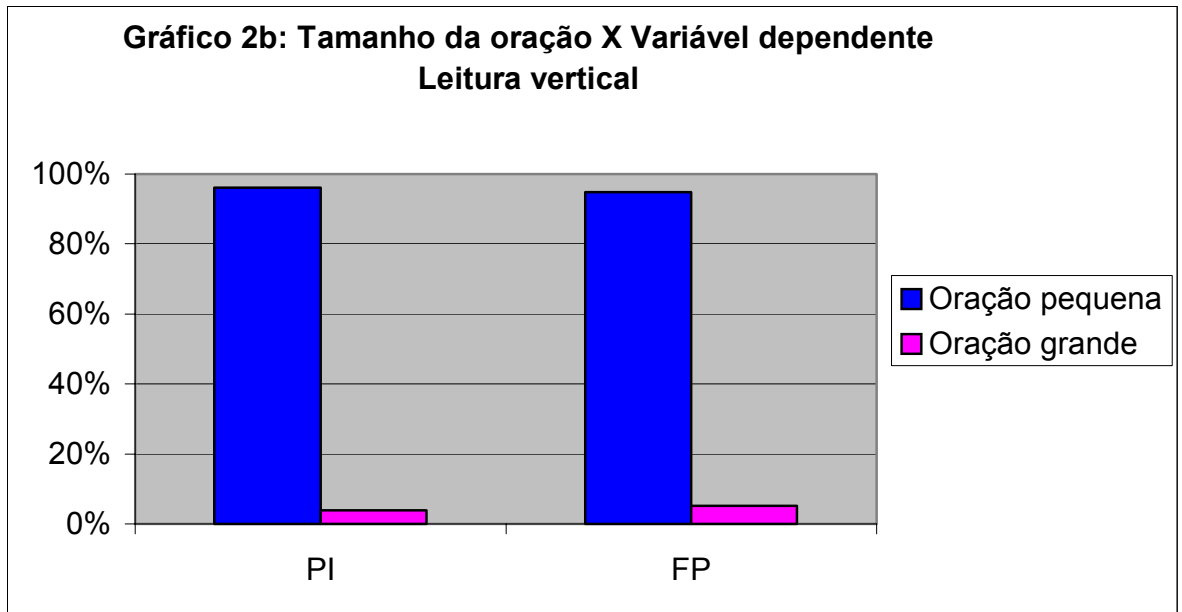
Isto significa dizer que, quando há orações encaixadas ou advérbios intercalados em um período hipotético, ou seja, quando a oração condicional é de tamanho grande, pode haver o favorecimento do futuro do pretérito.

Pode-se afirmar, com base no Gráfico 2a, que a hipótese apresentada neste trabalho de que o tamanho pequeno da oração favorece o emprego de PI não foi confirmada, uma vez que a diferença percentual entre as orações pequenas em PI e FP é insignificante, ou seja, de 10,8%. Esse percentual de diferença entre as orações pequenas nos dois tempos verbais investigados não possibilita afirmar que as orações de tamanho pequeno favorecem o emprego da variante PI em orações condicionais.

No entanto, foi possível constatar o contrário do que se afirmara na hipótese sobre o tamanho da oração. Verificou-se, na pesquisa realizada, que, diferentemente do que era suposto, o tamanho grande é que pode favorecer o emprego da variante FP, uma vez que a diferença percentual entre orações grandes nos dois tempos verbais foi significativa, isto é, de 25%.

Uma leitura vertical dos dados sobre o cruzamento do Tamanho da oração X Variável dependente apresenta aspectos importantes sobre as orações pequenas e grandes em orações condicionais com PI e FP, conforme o Gráfico 2b, a seguir.





Em relação à ocorrência do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, como pode ser observado no Gráfico 2b, pôde-se constatar que as orações pequenas ocorrem com maior frequência nos dois tempos verbais, ou seja, com 96,1% em PI e com 94,8% em FP.

Analisando somente o tempo verbal PI, percebe-se que foram obtidas 96,1% de ocorrências de pequenas ao passo que houve somente 3,9% de orações grandes nesse tempo verbal.

Observando as ocorrências em FP, obtiveram-se 94,8% de orações pequenas, enquanto encontraram-se apenas 5,2% de orações grandes nesta variante.

A diferença percentual de orações pequenas e grandes em PI é de 92,2% e em FP é de 89,6%. São diferenças percentuais significativas entre os dois tamanhos da oração em cada tempo verbal. Essa constatação reitera o que já foi afirmado sobre o tamanho pequeno da oração, isto é, as orações de tamanho pequeno não favorecem o emprego

de nenhum dos dois tempos verbais investigados. Isto pode ser afirmado porque essas orações aparecem significativamente em PI e em FP.

Esses resultados evidenciam que, quando há o emprego de PI e FP em orações condicionais, as ocorrências aparecem significativamente em períodos pequenos, ou seja, isentos de advérbios intercalados ou orações encaixadas nos dois tempos verbais investigados, como pode ser observado nos exemplos (42) e (43).

(42) Se eu pudesse, **tentaria** ajudar. (WOG-30-02)

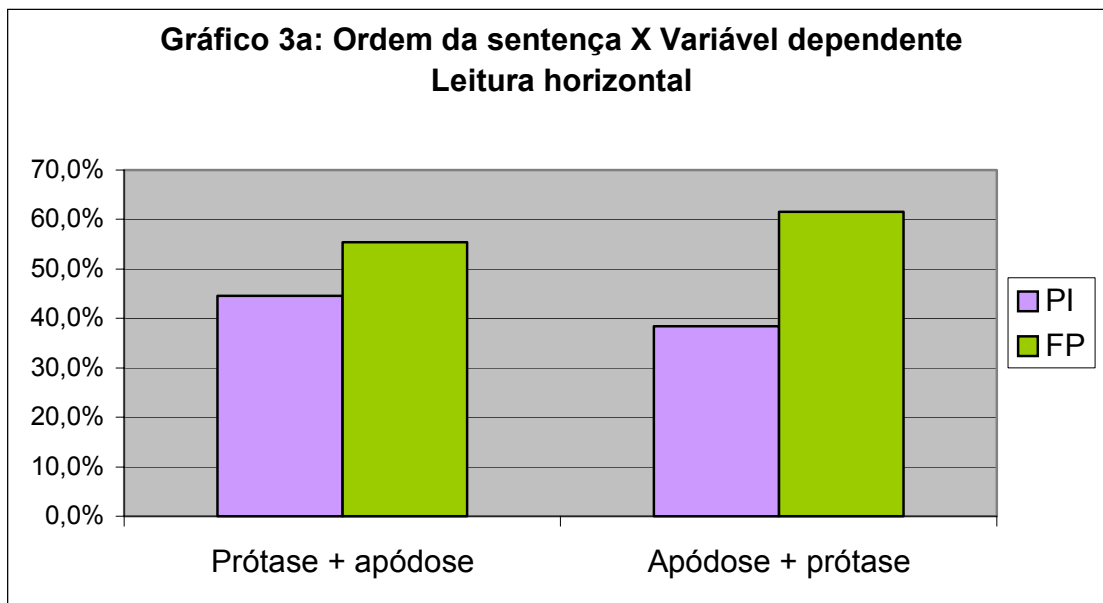
(43) Se eu tivesse dinheiro, **dividia** entre nós. (JSM- 134-14)

Embora não tenha sido confirmada a hipótese de que o tamanho pequeno favorece o emprego de PI, como já foi afirmado anteriormente, foi possível constatar duas importantes ocorrências em relação ao cruzamento do fator interno tamanho da oração com a variável dependente da pesquisa.

A primeira diz respeito às orações de tamanho grande que podem favorecer o emprego de FP, como pôde ser observado no Gráfico 2a. Já a segunda constatação refere-se à ocorrência mais freqüente de orações pequenas tanto em PI quanto em FP, conforme se verificou no Gráfico 2b.

### **3.3 Ordem da sentença X Variável dependente**

Nesta seção, será apresentado o cruzamento realizado com a ordem da sentença e a variável dependente. Enquanto o Gráfico 3a apresentará uma leitura horizontal dos dados referentes a esse cruzamento, o Gráfico 3b apresentará uma leitura vertical.



Em relação ao Gráfico 3a, analisando somente a ordem canônica prótase + apódose em PI, foram obtidas 44,6% de ocorrências, ao passo que, em FP, o percentual de ocorrências foi de 55,4%. Foi possível constatar que a diferença percentual entre a ordem canônica nos dois tempos verbais foi de 10,8%. Como essa diferença foi insignificante, pode-se afirmar que essa ordem da sentença não favorece nenhum dos dois tempos verbais, ou seja, não favorece o emprego nem de PI nem de FP.

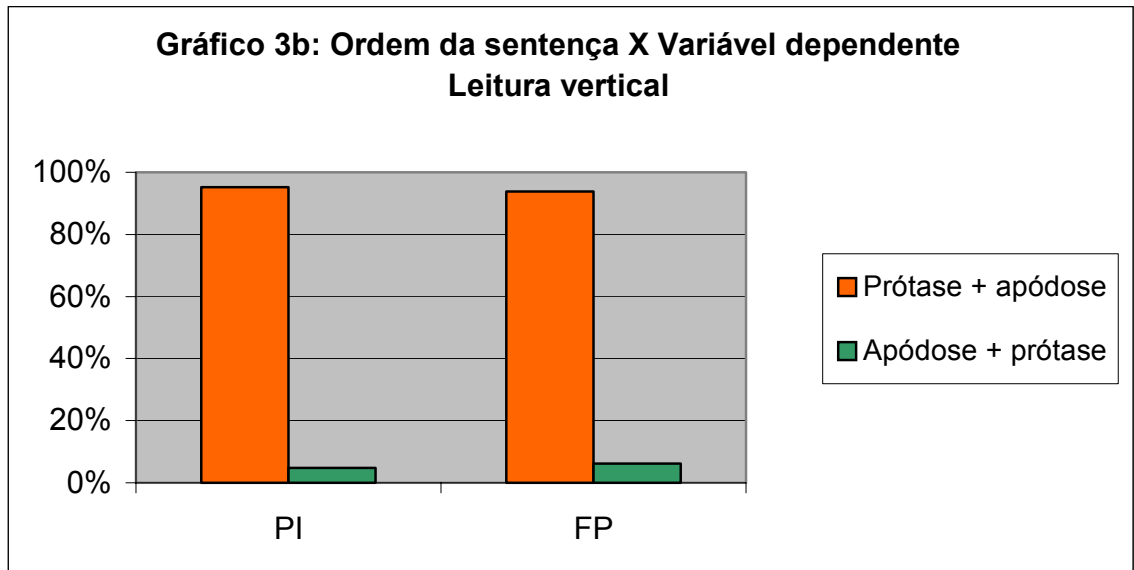
No entanto, observando apenas a ordem não-canônica em PI, o índice de ocorrências foi de 38,4%, enquanto o índice em FP para essa ordem foi de 61,6%. Verifica-se, portanto, uma diferença significativa de 23,2% entre a ordem não-canônica (apódose + prótase) nos dois tempos verbais. Essa diferença entre a ordem não-canônica entre as variantes PI e FP revela que apódose + prótase pode favorecer o emprego de FP.

Essa afirmação do favorecimento de FP pela ordem apódose + prótase revela que, quando a oração principal do período hipotético antecede a oração condicional, o tempo verbal que ocorre com maior frequência (61,6%) é o FP.

Esse resultado aproxima-se da consideração de Tapazdi e Salvi (1998) a respeito das ocorrências de PI e FP em prótases e apódoses. Vale reiterar que Tapazdi e Salvi afirmam que “são poucos os exemplos no PB com o imperfeito do indicativo na apódose”. Segundo os autores, em apódoses, seria mais freqüente o emprego de FP. Tapazdi e Salvi (1998) compararam PI e FP em PB e PE e evidenciaram que em PE é comum ocorrer PI em apódoses, ao passo que, no PB, é mais freqüente a ocorrência de FP nas apódoses.

Esta pesquisa, portanto, corrobora essa afirmação, uma vez que foi constatado, conforme o Gráfico 3a, que a ordem apódose + prótase favorece o emprego da variante FP.

Ainda em relação ao cruzamento apresentado nesta seção sobre Ordem da sentença X Variável dependente, pode ser observado o Gráfico 3b, que apresenta uma leitura vertical dos dados obtidos na pesquisa realizada.



Em relação à ocorrência do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, como pode ser observado no Gráfico 3b, pôde-se constatar que a ordem prótase + apódose ocorre com maior freqüência nos dois tempos verbais, ou seja, com 95,1% em PI e com 93,8% em FP.

Analisando o tempo verbal PI, verifica-se que foram obtidas 95,1% de ocorrências com prótase + apódose, ao passo que houve apenas 4,9% com apódose + prótase.

Uma situação semelhante ocorreu com a variante FP. Enquanto obtiveram-se 93,8% com prótase + apódose, houve somente 6,2% com apódose + prótase.

Esses resultados revelam que há uma diferença significativa entre as duas ordens das sentenças tanto em PI quanto em FP. A diferença percentual da ordem prótase + apódose e apódose + prótase em PI é de 90,2%. Isso também ocorreu em FP, visto que a diferença entre as duas ordens das sentenças em FP foi também significativa, ou seja, de 87,6%.

Essa constatação reitera o que já foi afirmado sobre a ordem canônica da oração, isto é, as orações com a ordem prótase + apódose não favorecem o emprego de nenhum dos tempos verbais investigados. Isto pode ser afirmado porque essas orações aparecem, significativamente, em PI e em FP.

Essa afirmação evidencia a consideração de Hirata (1999) de que a ordem mais comum das orações condicionais é a precedência da prótase sobre a apódose, tanto em FP quanto em PI, conforme ilustram os exemplos (44) e (45), a seguir.

(44) Se eu fosse a mãe de um viciado eu **faria** de tudo pra mudar isso.  
(SMS – 527- 36)

(45) Se eu pudesse eu **pedia** pra curar as pessoas doentes.  
(FAM – 42 – 02)

Julga-se oportuno reiterar, ainda, que as orações condicionais com a ordem prótase + apódose são mais freqüentes, conforme apresentado por Costa (1997). Para a autora, o período hipotético é formado pela oração condicional, também tratada como “prótase” ou “oração condicionante”, mais uma oração principal, conhecida como “apódose” ou “oração condicionada”.

O fato de essa ordem ser a canônica, conforme considera Costa (1997)<sup>29</sup>, justifica o fato de aparecer com maior freqüência (95,1% em PI e 93,8 em FP) nas duas variantes da língua.

---

<sup>29</sup> Segundo Costa (1997, p.14), “os termos ‘prótase’ e ‘apódose’ são também utilizados por força da tradição gramatical grega, de modo que o período hipotético canônico pode ser resumido no esquema: SE + PRÓTASE + APÓDOSE. As denominações ‘orações antecedentes’ (= prótase) e ‘oração conseqüente’ (= apódose) também são encontradas na literatura gramatical contemporânea, como em Mateus et alli (1989). Aliás, estas autoras, bem como Silva Corvalán (1988), em vez de ‘período hipotético’, utilizam o rótulo “construções condicionais” para o conjunto formado por prótase e apódose.”

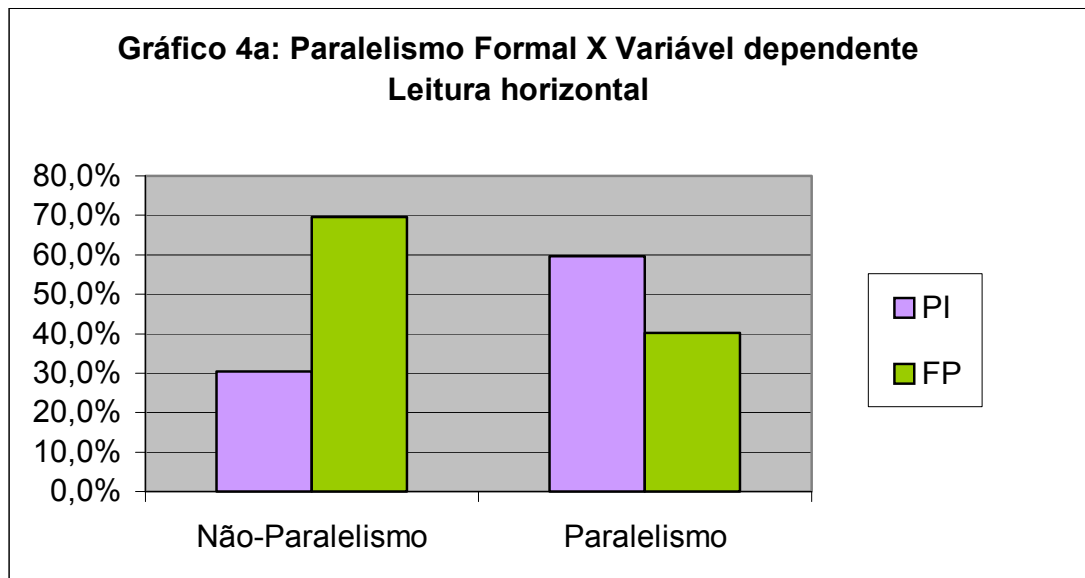
Concluindo, é possível afirmar, dentro do recorte proposto nesta pesquisa, que a hipótese de que a ordem canônica favorece o emprego de PI não se confirma, uma vez que a diferença percentual entre essa ordem da sentença nos dois tempos verbais investigados é insignificante, isto é, de apenas 10,3%, conforme se observou no Gráfico 3a.

Apesar de não ser possível afirmar que a ordem canônica favorece o emprego de um ou outro tempo verbal, observou-se que a ordem não-canônica pode favorecer o emprego de FP. A diferença significativa de 23,2% entre a ordem apódose + prótase nos dois tempos verbais, também verificada no Gráfico 3a, possibilita essa afirmação.

Deve-se ressaltar ainda que o cruzamento apresentado nesta seção possibilitou, por meio de uma leitura vertical dos dados (Gráfico 3b), afirmar que a ordem prótase + apódose é a ordem mais freqüente nas orações condicionais, dentro do recorte proposto nesta pesquisa.

### **3.4 Paralelismo formal X Variável dependente**

Em relação ao cruzamento realizado sobre o paralelismo formal com a variável dependente, foram obtidos os seguintes resultados:



Em uma leitura horizontal, como se vê no Gráfico 4a, observa-se que o paralelismo formal favorece o uso do pretérito imperfeito. Os dados obtidos revelam um percentual de 59,7% de ocorrências com paralelismo formal no emprego de PI ao passo que há um índice de 40,3% de paralelismo em FP.

Deve-se salientar que a diferença percentual entre a presença de paralelismo em relação às variantes PI e FP é significativa, ou seja, de 19,4%, o que revela que o paralelismo formal favorece o emprego de PI em orações condicionais.

Analisando os dados de não-paralelismo nos dois tempos verbais, foi possível observar que a ausência do paralelismo formal favorece o emprego de FP. Enquanto se verifica o percentual de 69,6% de não-paralelismo em FP, observam-se 30,4% de não-paralelismo em PI. Esses resultados revelam que há uma diferença significativa de 39,2% entre a ausência de paralelismo numa variante e na outra. Assim, pode-se



afirmar que o não-parallelismo favorece o emprego de futuro do pretérito em orações condicionais.

Esses resultados aproximam-se dos resultados apresentados por Silva (1998). Essa autora considera que o informante continua usando a forma já ativada, em virtude do parallelismo ocasionado no discurso.

Ainda segundo Silva (1998), deve-se observar se houve também a ocorrência do parallelismo por meio do efeito gatilho, ou seja, se o informante tenderia a usar o mesmo tempo verbal que o entrevistador usou na fala ou na pergunta.

Neste sentido, verifica-se que, nesta pesquisa, o percentual de 40,3% de parallelismo em estruturas com FP ocorreu em virtude do efeito gatilho, isto é, os informantes usaram o tempo verbal que o entrevistador empregou na pergunta, conforme exemplos (46) e (47).<sup>30</sup>

(46) E: O que você **teria** feito mais no seu passado?

I: Seu pudesse, eu **teria** lido mais, eu **teria** estudado muito, eu **teria** me formado. (CAS, 11-1)

(47) E: Para onde você **mudaria**?

I: Se eu pudesse mudar, eu acho que eu **mudaria** para uma praia, um lugar calmo, é, eu **mudaria** pra praia. (GCCM-153- 16)

Pode-se afirmar, ainda, que o parallelismo formal é um fator significativo porque a diferença percentual de presença desse fator nos dois tempos verbais, PI e FP, é

---

<sup>30</sup> Julga-se oportuno esclarecer que as perguntas realizadas pelo entrevistador desta pesquisa (Anexo 4) encontram-se, preferencialmente, com FP. Por esta razão, muitos informantes empregaram o mesmo tempo verbal da pergunta feita pelo entrevistador e, conseqüentemente, o tempo verbal FP apareceu com maior incidência do que se esperava.

significativa, ou seja, de 19,4%. Assim, pode-se afirmar que há maior frequência de presença de paralelismo em relação ao emprego de PI (59,7%).

Os exemplos (48) – (50) ilustram o uso do paralelismo na própria fala do informante com o emprego do tempo verbal mais usado em relação a esse fator lingüístico, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo.

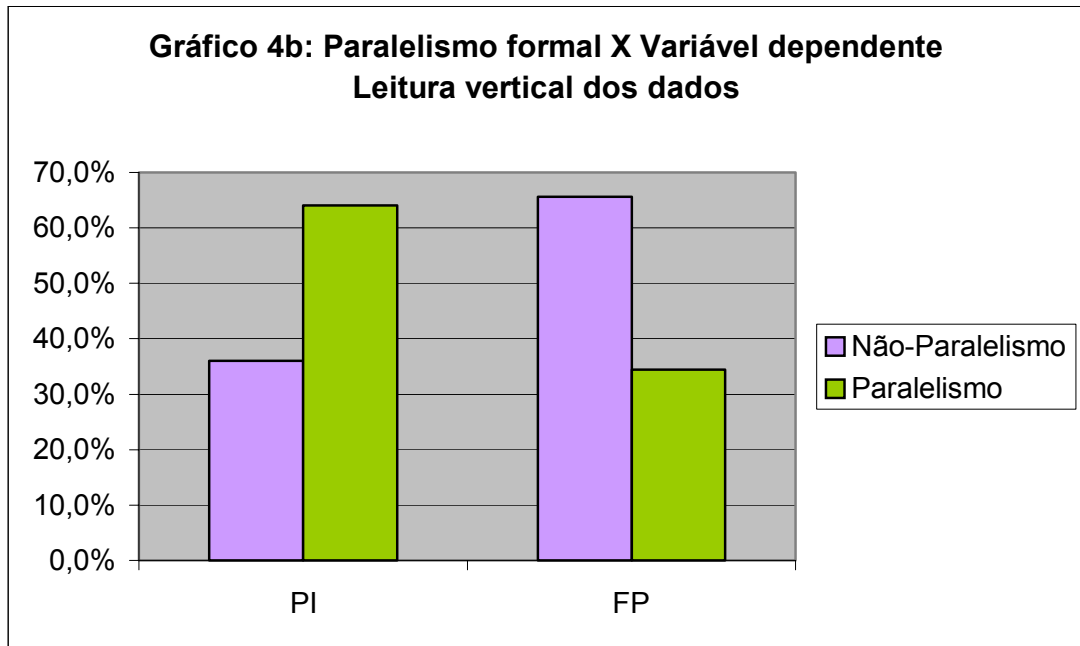
(48) ...se ela operasse, saísse dessa cirurgia, ela **ia ficar** surda e **ia ficar** cega e muda. (SMT-142-15)

(49) Se eu voltasse ao passado, eu acho que eu **ia curtir** mais minha vida, eu **ia passear** mais, **ia sair** mais... (FAM-35-2)

(50) Se acontecesse isso, eu **dava** socorro uai, eu **chamava** ambulância e **pegava** e **levava**... (IMG-675-43)

Tendo em vista os resultados apresentados no Gráfico 4a, confirma-se, portanto, a hipótese deste trabalho a respeito do paralelismo formal. Foi possível constatar que quando há o paralelismo, o falante tende a usar PI e quando não há esse fator, o indivíduo emprega FP.

Uma leitura vertical desse cruzamento será apresentada, como se pode observar no Gráfico 4b, para que se possa verificar as duas formas verbais, PI e FP, distribuídas na presença e ausência de paralelismo formal.



Em relação ao emprego de PI, conforme o Gráfico 4b, foram obtidos 36% de não-parallelismo, ao passo que houve um índice de 64% de parallelismo nesse tempo verbal. A diferença percentual de 28% entre presença e ausência de parallelismo em PI revela que o emprego desse tempo verbal favorece o parallelismo formal. Pode-se afirmar, assim, que, ao usar PI em orações condicionais, há uma frequência significativa (64%) de parallelismo formal, ou seja, existe uma tendência a repetir a forma verbal empregada no período antecedente.

Observando somente o emprego de FP, observa-se um percentual de 65,6% de não-parallelismo, ao passo que há um índice de 34,4% de parallelismo nesse tempo verbal. A diferença percentual de 31,2% entre a presença e ausência de parallelismo em FP é significativa também, o que revela que, ao empregar o futuro do pretérito, há uma frequência significativa (65,6%) de não-parallelismo formal. Esses resultados revelam

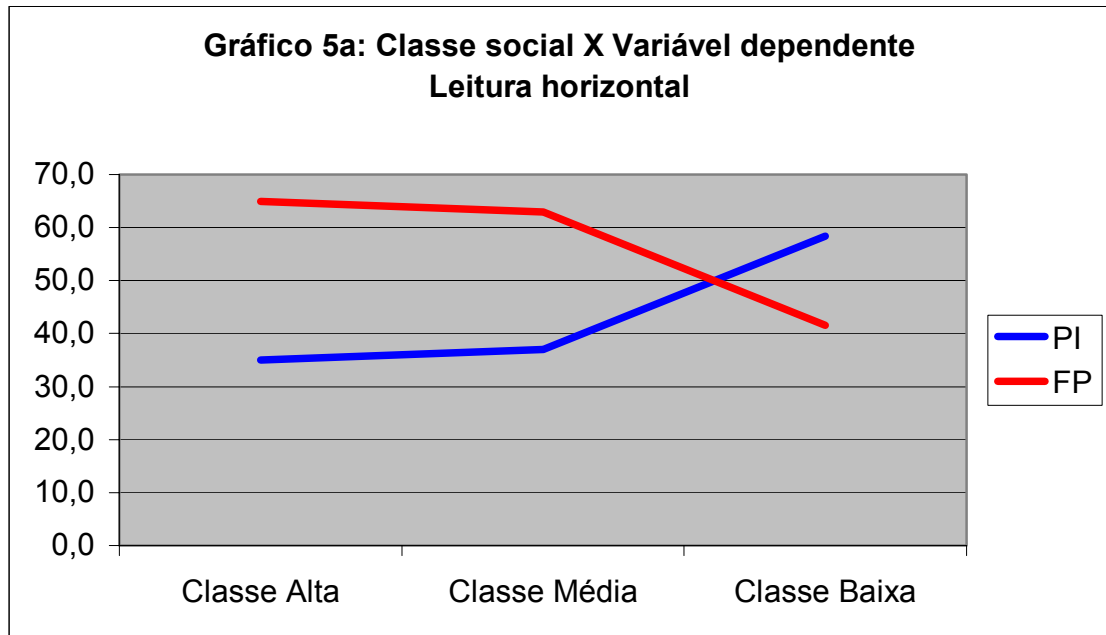
que, ao empregar FP, existe uma tendência em se ativar menos a forma verbal já empregada no discurso.

Enfim, o Gráfico 4b mostra que o tempo verbal PI tem freqüência significativa de paralelismo formal, enquanto a variante FP possui freqüência significativa de não-paralelismo. Essa afirmação pode ser feita, pois as diferenças percentuais apresentadas anteriormente, referentes aos dados do Gráfico 4b, são expressivas, ou seja, de 28% em PI e de 31,2% em FP.

Finalizando, é possível afirmar que, além de o paralelismo formal favorecer o emprego de um tempo (PI) em detrimento do outro (FP), constatou-se, por meio da leitura vertical desse cruzamento, que o tempo verbal PI favorece o paralelismo e o tempo verbal FP favorece o não-paralelismo.

### **3.5 Classe social X Variável dependente**

O cruzamento dos grupos de fatores, classe social e variável dependente, apresentou os resultados evidenciados no Gráfico 5a.



No Gráfico 5a, verifica-se que foi feita uma leitura horizontal dos dados, o que possibilita uma análise das classes sociais investigadas em relação às variantes PI e FP.

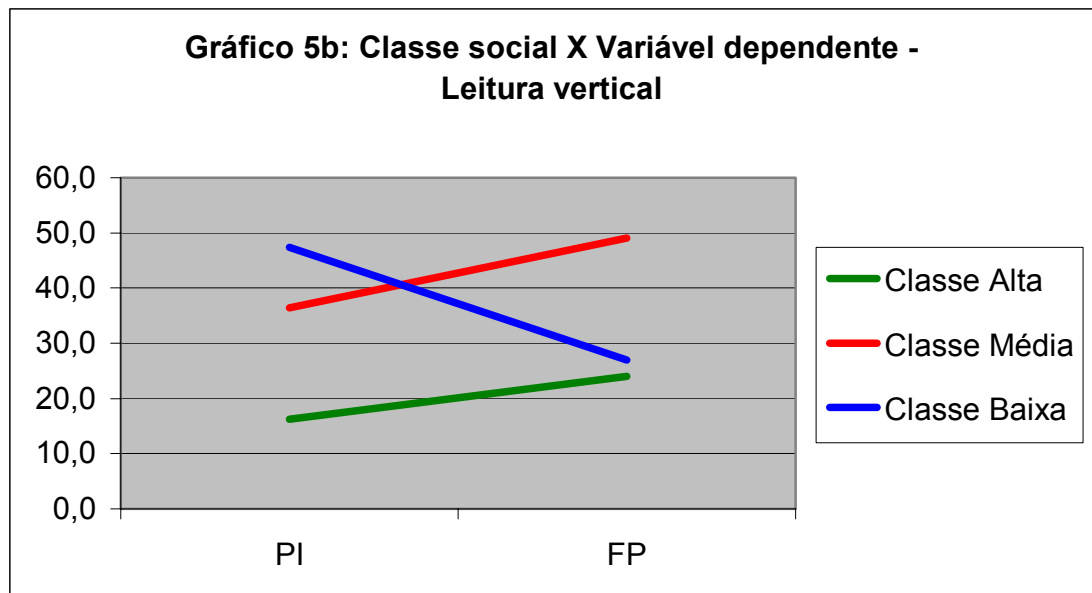
Observando a classe alta, nota-se que, do total de ocorrências para essa classe social, 35% de ocorrências são de PI e 65% são de FP. Como há uma diferença percentual de 30% de ocorrências nessa classe entre as duas formas verbais, foi possível constatar que a classe alta favorece o emprego de FP.

Analisando a classe média, observam-se 37% das ocorrências dessa classe social para a variante PI e 63% para a variante FP. Assim como ocorreu uma diferença significativa na classe alta entre as duas formas verbais, na classe média também se verifica a mesma situação. A diferença de 26% de ocorrências da classe média entre PI

e FP possibilita afirmar que a classe média também favorece o emprego de FP em orações condicionais iniciadas por “se”.

Observando a classe baixa, percebe-se uma situação inversa do ocorre com as classes alta e média. Do total de ocorrências da classe baixa, verificam-se 58,4% em PI e 41,6% em FP. A diferença percentual de 16,8% entre PI e FP na classe baixa também é significativa. Portanto, deve-se afirmar que a classe baixa (classe C) favorece o emprego da variante PI, diferentemente do que ocorreu com as outras duas classes sociais, ou seja, que as classes A e B favorecem o emprego de FP.

Uma leitura vertical dos dados referentes ao cruzamento Classe social X Variável dependente será apresentada, a fim de que se possam analisar as ocorrências de PI e FP nas três classes sociais, ou seja, nas classes A, B e C.



Em relação ao emprego de PI, como se vê no Gráfico 5b, foram obtidos 16,2% de ocorrências com esse tempo verbal na classe alta, 36,4% na classe média e 47,4% na classe baixa.

Como há uma diferença percentual de 31,2% entre as classes alta e baixa nesse tempo verbal, pode-se afirmar que a variante PI possui uma frequência significativa (47,4%) na classe baixa, quando comparada com a classe alta, comprovando, portanto, o que foi constatado no Gráfico 5a.

Além disso, comparando as classes alta e média, verifica-se que a maior frequência de PI encontra-se na classe média (36,4%), uma vez que a diferença entre essas duas classes é de 20,2%. No entanto, ao comparar as classes média e baixa, observa-se que a diferença é insignificante, ou seja, de 11%, o que revela que as classes B e C têm maior frequência (36,4% e 47,4%) em relação ao emprego de PI.

Enfim, os dados do Gráfico 5b reafirmam a constatação apresentada no Gráfico 5a de que a classe alta não favorece o emprego de PI, diferentemente do que ocorre nas classes média e baixa.

Em relação ao emprego de FP, o Gráfico 5b revela um percentual de 24% de ocorrências com esse tempo verbal na classe alta, 49,1% na classe média e 26,9% na classe baixa.

A diferença percentual entre as classes alta e média é de 25,1%; entre as classes média e baixa é de 22,2%, e entre as classes alta e baixa é de 2,9%. Há, portanto, uma significativa diferença entre as classes A e B e entre as classes B e C. No entanto, entre as classes A e C não há uma diferença significativa (2,9%). O emprego

de FP possui, portanto, uma freqüência significativa (49,1%) na classe média, quando comparada com a classe alta (24%) e com a classe baixa (26,9%). Esse resultado vem reafirmar a constatação realizada a partir dos dados do Gráfico 5a de que a classe média favorece a variante FP.

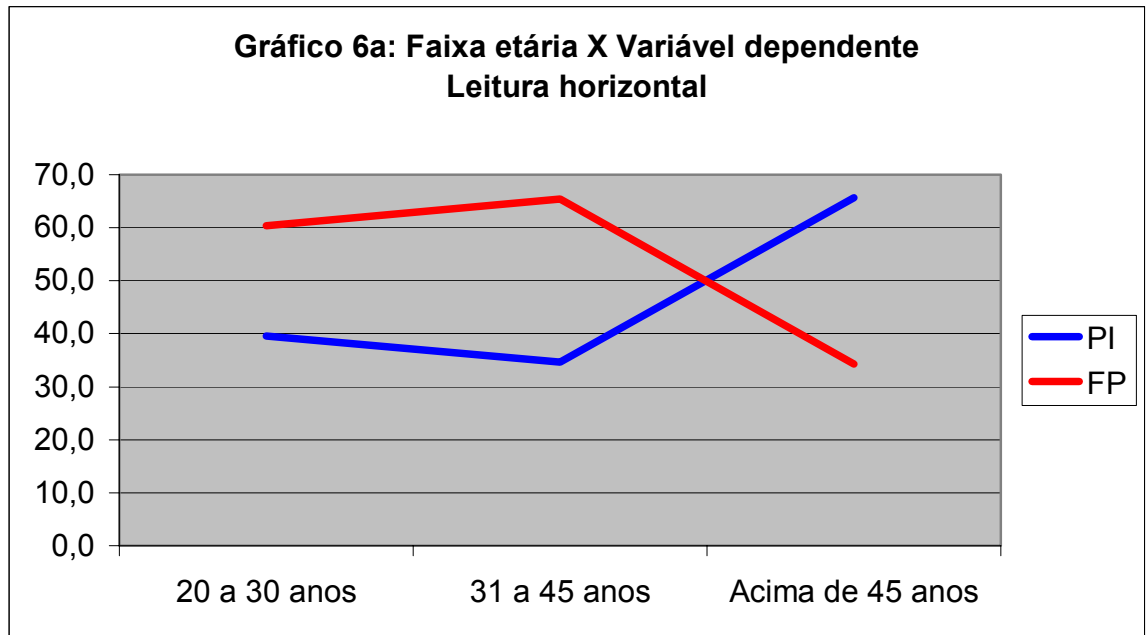
Pode-se afirmar, então, que o cruzamento apresentado nesta seção “Classe social x Variável dependente” revela que a classe baixa, diferentemente das classes alta e média, favorece o emprego de PI, como foi possível observar no Gráfico 5a.

Constatou-se, ainda, que o tempo verbal FP é preferencialmente empregado pela classe média, diferentemente da classe baixa, conforme demonstrou o Gráfico 5b. E, ainda, que a classe alta não favorece o emprego de PI.

### **3.6 Faixa etária X Variável dependente**

O cruzamento dos grupos de fatores, faixa etária e variável dependente, apresentou os resultados contidos nos Gráficos 6a e 6b.





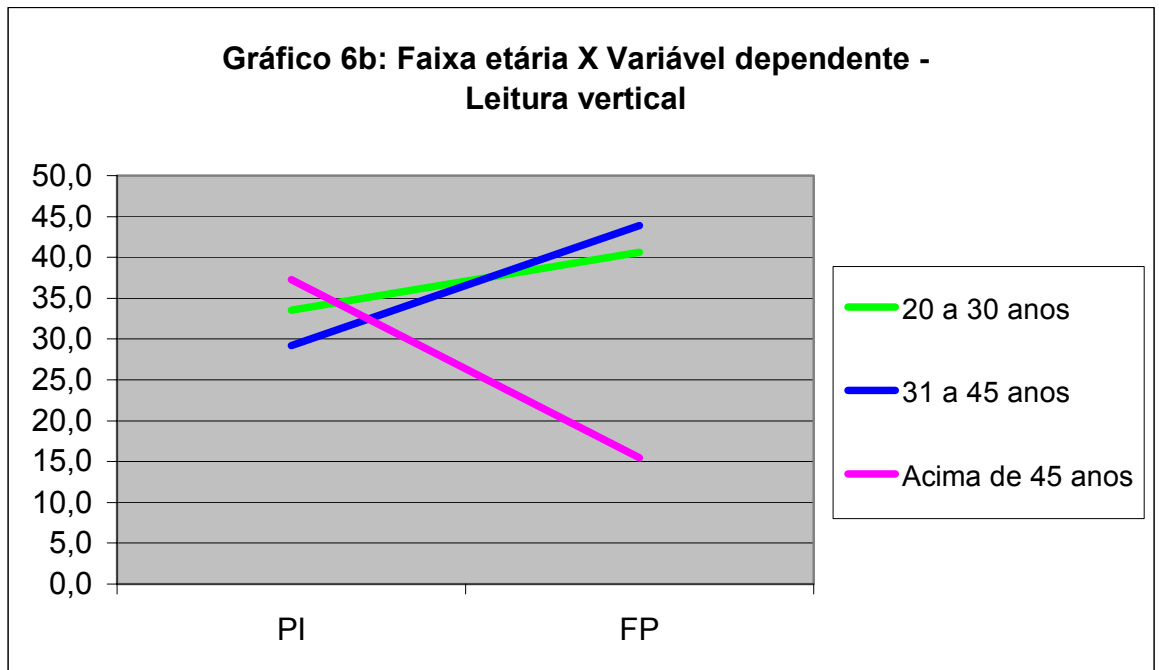
No Gráfico 6a, verifica-se que foi realizada uma leitura horizontal dos dados, por meio da qual será analisada cada faixa etária em PI e FP.

Analisando a faixa etária de 20 a 30 anos, foram obtidos 39,6% de ocorrências com PI e 60,4% com FP. Existe, portanto, uma diferença percentual de 20,8% entre as duas formas verbais nessa faixa etária, o que mostra que, nessa idade, há o favorecimento do emprego de FP.

Em relação à faixa etária intermediária, ou seja, de 31 a 45 anos, o percentual de ocorrências com PI foi de 34,6% e com FP foi de 65,4%. Esses resultados revelam que há uma diferença de 30,8% entre PI e FP na idade mediana. Essa idade favorece, então, o emprego de FP assim como a faixa etária de 20 a 30 anos.

Observando somente a faixa etária acima de 45 anos, verificam-se 65,7% de ocorrências com PI e 34,3% com FP. A diferença de 31,4% entre as duas formas verbais nessa idade revela que a faixa etária acima de 45 anos favorece o uso de PI, diferentemente das faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos, que favorecem o emprego da variante FP.

Uma leitura vertical do cruzamento de Faixa etária X Variável dependente possibilitará a análise de PI e FP nas três faixas etárias investigadas, como se observa no Gráfico 6b, a seguir.



Em relação ao emprego de PI, como se vê no Gráfico 6b, foram obtidos 33,5% de ocorrências com esse tempo verbal na faixa etária de 20 a 30 anos, 29,2% na faixa etária de 31 a 45 anos e 37,3% na faixa etária acima de 45 anos.

Comparando as faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos, verifica-se uma diferença percentual de 4,3% entre as duas idades em PI. Essa diferença é insignificante, o que mostra que essas duas faixas etárias, nesse tempo verbal, comportam-se de maneira semelhante.

Ao comparar a faixa etária de 20 a 30 anos com a faixa etária acima de 45 anos, observa-se que existe uma diferença de 3,8%, o que revela que o emprego da variante PI é semelhante, também, nessas duas faixas etárias.

Isso também ocorre ao comparar a faixa etária de 31 a 45 anos e a faixa etária acima de 45 anos. Há uma diferença percentual insignificante de 8,1% entre essas duas idades em PI, o que demonstra que a variante PI ocorre com frequência aproximada nas três faixas etárias investigadas.

Em relação ao emprego de FP, o Gráfico 6b revela um percentual de 40,6% de ocorrências com esse tempo verbal na idade de 20 a 30 anos, 43,9% na idade de 31 a 45 anos e 15,5% na idade acima de 45 anos.

Comparando a faixa etária de 20 a 30 anos com a faixa etária acima de 45 anos, observa-se uma diferença percentual de 3,3% entre essas duas idades em FP, o que revela que, nessas faixas etárias, a ocorrência de FP é bem aproximada.

Por outro lado, ao comparar a idade de 31 a 45 anos com a idade acima de 45 anos, verifica-se que há uma diferença de 28,4% entre as duas faixas etárias em FP.

Essa diferença revela que o tempo verbal FP tem uma frequência significativa (43,9%) na idade mediana, ou seja, de 31 a 45 anos. Esse resultado confirma a constatação apresentada na análise do Gráfico 6a de que a faixa etária mediana favorece o emprego de FP.

Uma situação semelhante ocorre quando se compara a faixa etária de 20 a 30 anos com a faixa etária acima de 45 anos. Existe uma diferença percentual de 25,1% entre essas duas faixas etárias, em FP. Esse resultado revela que FP tem uma frequência significativa (40,6%) na idade de 20 a 30 anos, assim como na faixa etária intermediária.

Pode-se afirmar, então, que PI tem percentuais de ocorrências muito aproximados nas três faixas etárias, uma vez que as comparações feitas entre uma e outra idade investigada revelaram índices de diferenças insignificantes (4,3%, 3,8% e 8,1%) em relação ao total de ocorrências desse tempo verbal.

Contudo, foi possível constatar que a variante FP possui índices significativos em duas faixas etárias: de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos, pois os percentuais de diferença entre essas faixas etárias e a idade acima de 45 anos foram bem significativos (28,4% e 25,1%).

Não foi possível comprovar, então, dentro do recorte proposto nesta pesquisa, a hipótese de que os indivíduos mais jovens utilizam mais o PI. Ao contrário do que era suposto, constatou-se que a faixa etária acima de 45 anos favorece o emprego de PI, como se observou no Gráfico 6a, e que as faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos favorecem o emprego de FP, como foi possível observar nos Gráficos 6a e 6b.

Autoras como Costa (1997) e Silva (1998), em pesquisas variacionistas no Rio de Janeiro e em Florianópolis, respectivamente, comprovaram, diferentemente da pesquisa que ora é apresentada, que a variante PI é mais empregada entre as pessoas mais jovens. Deve-se ressaltar que as pesquisas das autoras supracitadas apresentaram faixas etárias diferenciadas desta pesquisa. No trabalho de Silva (1998), por exemplo, foram investigadas duas faixas etárias: de 25 a 49 anos e acima de 50 anos. Portanto, uma comparação de resultados entre as pesquisas dessas autoras e esta pesquisa, em relação à faixa etária, seria incoerente e inadequada.

A respeito dos resultados obtidos sobre a faixa etária acima de 45 anos da região de Uberlândia (MG), faz-se necessário esclarecer que, ao verificar que a faixa etária acima de 45 anos favorece a variante PI, observou-se, de acordo com o questionário de seleção dos informantes da pesquisa (Anexo 3), que os indivíduos dessa faixa etária selecionados para compor o *corpus* possuem nível de escolaridade muito baixo.

De acordo com a Tabela A<sup>31</sup>, a seguir, constata-se que do total de indivíduos dessa faixa etária, 26,7% são analfabetos ou possuem primário incompleto e 46,7% têm primário completo ou ginásial incompleto. Somente 13,4% dos entrevistados acima de 45 anos possuem ginásial completo, apenas 6,6% têm colegial completo e 6,6% concluíram o ensino superior.

---

<sup>31</sup> Utilizou-se o Critério Brasil para verificar o grau de escolaridade dos informantes, seguindo, portanto, a metodologia utilizada nesta pesquisa.

**TABELA A**

Caracterização dos informantes acima de 45 anos segundo o grau de escolaridade

<b>Grau de escolaridade</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Analfabeto/ Primário incompleto	4	26,7
Primário completo/ Ginásial incompleto	7	46,7
Ginásial completo / Colegial incompleto	2	13,4
Colegial completo/ Superior incompleto	1	6,6
Superior completo	1	6,6
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

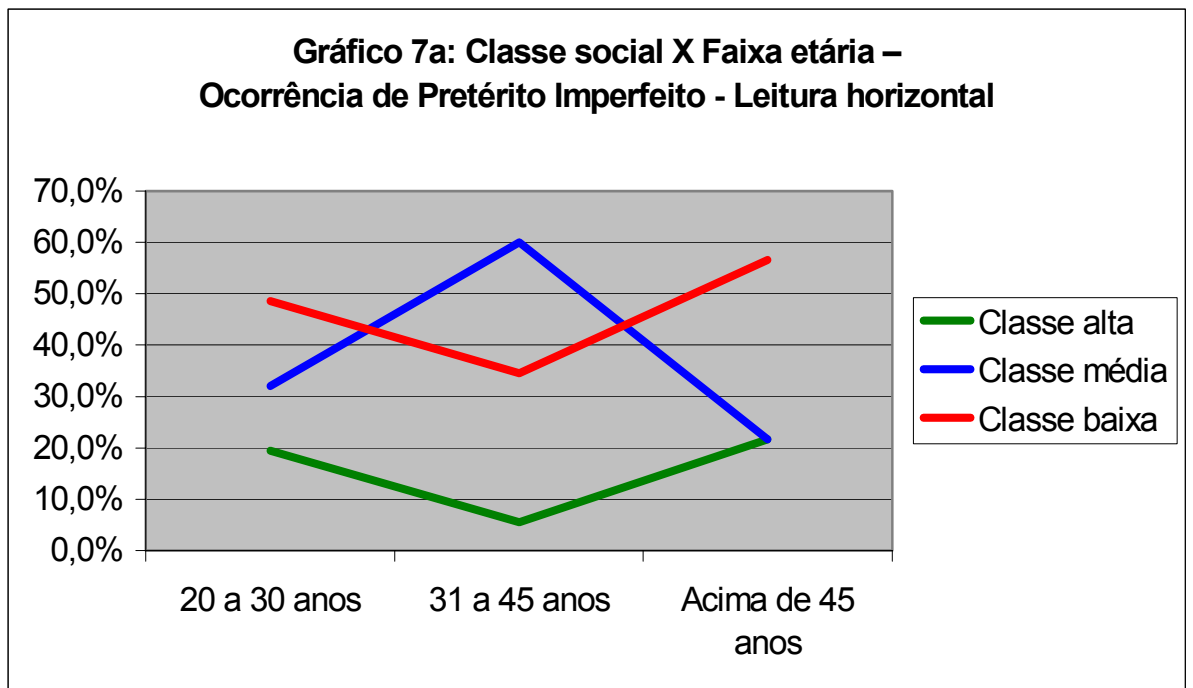
Portanto, o fato de essa faixa etária ser pouco exposta à instrução escolar, ou seja, de ser uma faixa etária caracterizada por um baixo grau de escolaridade, como se observou na Tabela A, é possível relacionar o favorecimento de PI a essa faixa etária, uma vez que o tempo verbal PI é o tempo verbal mais informal, coloquial e familiar, segundo a GT.

### **3.7 Classe social X Faixa etária X Variável dependente**

Os Gráficos 7a, 7b, 8a e 8b são referentes ao cruzamento dos dois grupos de fatores extralingüísticos deste trabalho, e os resultados desses gráficos são

importantes, pois os dados podem apontar pistas para o que está acontecendo na língua falada a respeito dessa alternância verbal.

Deve-se esclarecer que, para facilitar a visualização e interpretação dos gráficos, optou-se por apresentar o cruzamento desta seção em quatro gráficos, separando assim a variável dependente. Neste sentido, serão apresentados os Gráficos 7a e 7b, com os dados referentes à variante PI e os Gráficos 8a e 8b, com os resultados referentes à variante FP.



Em relação ao emprego de PI, conforme o Gráfico 7a, pode-se observar que, uma leitura horizontal do gráfico, permitirá a análise de cada faixa etária investigada em relação às três classes sociais.

Analisando os dados da faixa etária de 20 a 30 anos, verifica-se um percentual de 19,4% na classe alta, de 32% na classe média e de 48,6% na classe baixa. Ao comparar as classes alta e média, observa-se um percentual de diferença de 12,6%. Já, ao comparar as classes média e baixa nessa idade, verifica-se uma diferença de 16,6% e entre as classes alta e baixa há uma diferença de 29,2%.

Esses percentuais de diferença revelam que, na faixa etária de 20 a 30 anos, a classe baixa favorece o emprego de PI, pois ao comparando com as outras classes, percebe-se que há diferenças significativas (16,6% e 29,2%).

Observando os dados da faixa etária de 31 a 45 anos, o que se verifica é que do total dos casos em que o PI foi empregado nessa idade, 5,5% encontram-se na classe alta, 60% de ocorrências estão na classe média e 34,5% são da classe baixa.

Portanto, nessa faixa etária mediana, todos os percentuais de diferença são significativos. Há uma diferença de 54,5% entre as classes alta e média, 25,5% entre as classes média e baixa e 29% entre as classes alta e baixa. Constata-se que, nessa idade de 31 a 45 anos, há o favorecimento de PI nas classes média e baixa. A maior frequência (60%) da variante PI encontra-se na classe média.

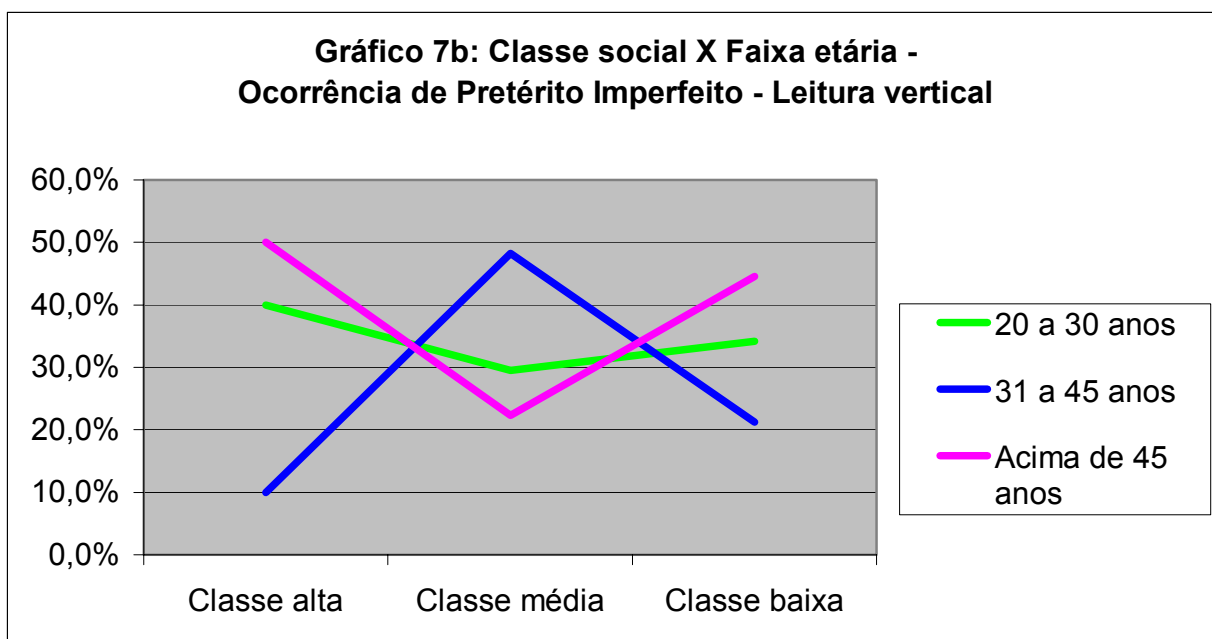
Agora, verificando os dados referentes à faixa etária acima de 45 anos em relação ao emprego de PI, obtiveram os seguintes resultados: enquanto houve 21,7% na classe alta e 21,7% na classe média, encontraram-se 56,6% na classe baixa.

Nessa faixa etária, é interessante observar que a classe alta e a média comportaram-se da mesma maneira em relação à variante PI. Já a classe baixa, nessa faixa etária, possui uma frequência significativa (56,6%), comparando-a com as classes alta e média, uma vez que as diferenças percentuais foram de 34,9% entre as classes alta e baixa e também 34,9% entre as classes média e baixa.



Enfim, os resultados encontrados revelam que a hipótese de que a classe baixa favorece o emprego da variante PI é confirmada também nesta seção. Entretanto, há que se ressaltar que os índices mais significativos da classe baixa para o emprego de PI encontram-se na faixa etária de 20 a 30 anos e acima de 45 anos. Deve-se destacar a constatação feita no Gráfico 7a de que, na faixa etária de 31 a 45 anos, o emprego do tempo verbal PI é favorecido na classe média.

A leitura vertical do cruzamento de Classe social X Faixa etária em relação à variante PI revelou os seguintes resultados:



Ainda em relação ao emprego de PI, como se observa no Gráfico 7b, será possível descrever o que ocorre em cada classe social nas três faixas etárias investigadas.

Analisando, primeiramente, a classe alta, foram obtidos, do total de ocorrências para essa classe social, 40% na faixa etária de 20 a 30 anos, 10% entre 31 a 45 anos e 50% acima de 45 anos. Os percentuais de diferença entre uma idade e outra nessa classe social mostram que a faixa etária de 20 a 30 anos e a idade acima de 45 anos têm freqüências significativas em relação ao emprego de PI. Houve uma diferença de 30% entre a faixa etária de 20 a 30 anos e acima de 45 anos e de 40% entre 31 a 45 anos e acima de 45 anos. Na classe A, portanto, há uma freqüência muito pequena de ocorrências da faixa etária intermediária (10%), em relação às outras duas idades.

Observando os resultados da classe média, verificam-se 29,5% na idade de 20 a 30 anos, 48,2% na faixa etária de 31 a 45 anos e 22,3% na idade acima de 45 anos. Nota-se que não há uma diferença significativa entre a idade de 20 a 30 anos e acima de 45 anos, ou seja, há uma diferença de apenas 7,2%.

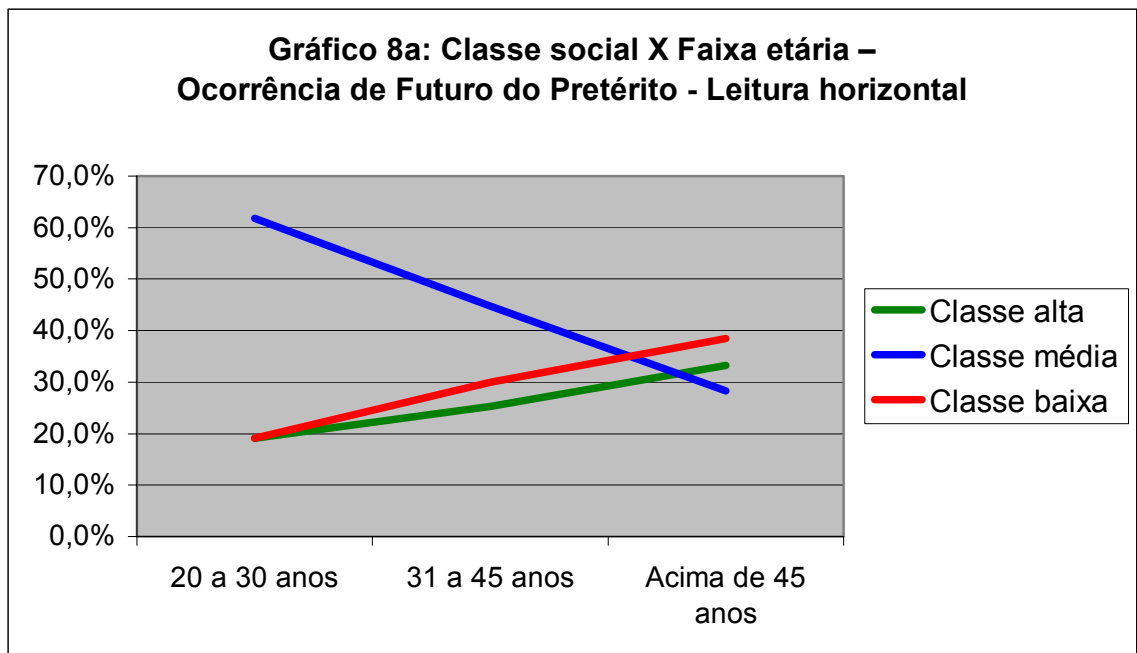
Já entre as faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos da classe B, há uma diferença de 18,7% e entre a faixa etária de 31 a 45 anos e acima de 45 anos é de 25,9%. Essas diferenças revelam que a freqüência maior de PI, na classe B, encontra-se na idade mediana (48,2%), o que comprova o resultado obtido e apresentado no Gráfico 7a sobre essa faixa etária da classe média.

Agora, observando a classe baixa, foram obtidos 34,2% na faixa etária de 20 a 30 anos, 21,2% de 31 a 45 anos e 44,6% acima de 45 anos. Ao comparar a idade de 20 a 30 anos com a idade de 31 a 45 anos, percebe-se uma diferença percentual de 13% entre as duas idades nessa classe e de 10,4% entre a faixa etária de 20 a 30 anos e a

faixa etária acima de 45 anos. Já ao comparar a idade acima de 45 anos com a idade de 31 a 45 anos, há uma diferença de 23,4%. Portanto, na classe baixa, a faixa etária acima de 45 anos tem a maior frequência (44,6%) de emprego da variante PI, o que confirma também os resultados obtidos no Gráfico 7a.

Enfim, os resultados obtidos nos Gráficos 7a e 7b revelam que, na classe baixa, as faixas etárias acima de 45 anos e de 20 a 30 anos favorecem o emprego da variante PI. Já na classe média, o favorecimento desse tempo verbal, dá-se na faixa etária de 31 a 45 anos. E, na classe alta, a menor frequência para a variante PI encontra-se na idade mediana.

Em relação ao emprego de FP, os Gráficos 8a e 8b mostrarão os resultados obtidos entre o cruzamento de Classe social X Faixa etária.



Uma leitura horizontal desse cruzamento, conforme Gráfico 8a, revela o perfil de cada faixa etária investigada em relação às três classes sociais.

Analisando os dados da faixa etária de 20 a 30 anos, enquanto foram obtidos 19,1% na classe alta e 19,1% também na classe baixa, houve 61,6% na classe média. Isso revela que as classes alta e baixa têm freqüências semelhantes em relação à variante FP nessa faixa etária. Por outro lado, a freqüência maior de FP nessa idade encontra-se na classe média (61,6%). A diferença percentual tanto entre a classe alta e a média e entre a média e a baixa de 42,5% comprova que a idade de 20 a 30 anos na classe média favorece o emprego do futuro do pretérito.

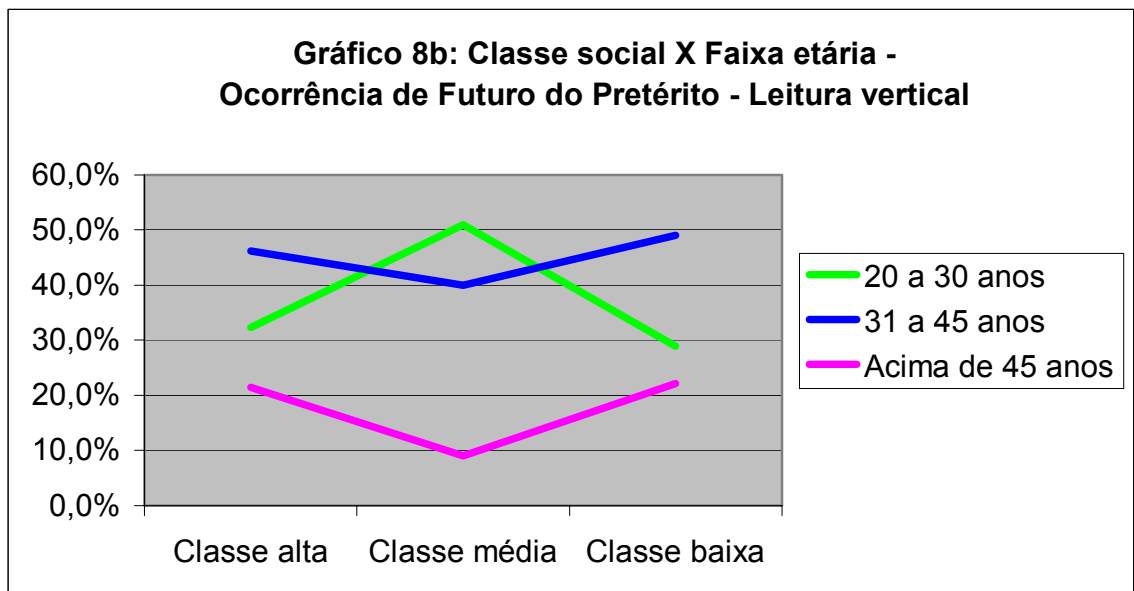
Ao observar os dados da faixa etária de 31 a 45 anos, verificam-se 25,3% na classe alta, 44,7% na classe média e 30% na classe baixa. Comparando a classe alta e média nessa idade, nota-se que há uma diferença de 19,4%, o que revela que a classe média de 31 a 45 anos favorece o emprego de FP. Há, também, uma diferença significativa entre a classe média e baixa nessa idade, ou seja, um percentual de 14,7%, o que mostra que é realmente a classe média na idade intermediária que possui a maior freqüência (44,7%) para o emprego da variante FP.

Em relação à faixa etária acima de 45 anos, foram obtidos 33,3% de ocorrências com FP na classe alta, 28,3% na classe média e 38,4% na classe baixa. Os percentuais de ocorrência com futuro do pretérito em cada classe social nessa idade são bem aproximados. Comparando a classe alta e a média, há uma diferença de 5% de ocorrências entre essas duas classes. Isso também ocorre ao comparar as classes alta e baixa, entre as quais existe uma diferença percentual de apenas 5,1%. Já entre as

classes média e baixa, há uma diferença de 10,1%. Esses resultados revelam que, na faixa etária acima de 45 anos, as ocorrências de FP são distribuídas entre as três classes sociais de maneira aproximada.

Enfim, é possível confirmar a afirmação de que a classe média favorece o emprego de FP. No entanto, por meio do Gráfico 8a, pode-se ainda afirmar que, dentro da classe média, as faixas etárias que favorecem o emprego dessa variante são a de 20 a 30 anos e a 31 a 45 anos.

Uma leitura vertical do cruzamento Classe social X Faixa etária, em relação ao emprego de FP, será apresentada, por meio do Gráfico 8b, para que se possa verificar os resultados de cada classe social nas três faixas etárias investigadas.



Ao observar somente a classe alta, verifica-se que, do total de ocorrências de FP nessa classe social, 32,3% encontram-se na faixa etária de 20 a 30 anos, 46,2% estão na idade de 31 a 45 anos e 21,5% na faixa etária acima de 45 anos.

Comparando as faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos, nota-se que existe uma diferença de 13,9% e entre as idades de 20 a 30 anos e acima de 45 anos a diferença é de 10,8%. Já entre as faixas etárias de 31 a 45 anos e acima de 45 anos, há uma diferença significativa de 24,7%, entre as duas idades, o que revela que, na classe alta, a faixa etária que possui a maior frequência (46,2%) de emprego de FP é a intermediária.

Analisando a classe média em relação à variante FP, enquanto foram obtidas 51% das ocorrências dessa variante na idade de 20 a 30 anos e 40% na faixa etária de 31 a 45 anos, houve apenas 9% das ocorrências na faixa etária acima de 45 anos.

Esses resultados revelam que, comparando as idades de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos nessa classe social, verifica-se que há percentuais de ocorrências muito aproximados, uma vez que a diferença percentual dessas duas idades é de 11%.

Por outro lado, ao comparar a idade de 20 a 30 anos com a idade acima de 45 anos da classe B, obtém-se uma diferença de 42%, assim como entre a faixa etária de 31 a 45 anos e a faixa etária acima de 45 anos existe uma diferença de 31%. Esses resultados revelam que as idades de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos da classe média têm frequências significativas (51% e 40%) em relação ao emprego de FP e que a faixa etária acima de 45 anos tem uma frequência muito pequena (9%) para o emprego desse tempo verbal.

Em relação à classe baixa, verificam-se 28,9% das ocorrências na faixa etária de 20 a 30 anos, 49% na faixa etária de 31 a 45 anos e 22,1% na faixa etária acima de 45 anos.

Comparando a idade de 20 a 30 anos e a idade acima de 45 anos, observa-se uma diferença insignificante de 6,8%, o que revela que as duas idades possuem percentuais aproximados na classe baixa. Por outro lado, ao comparar a faixa etária de 20 a 30 anos com a idade de 31 a 45 anos, verifica-se uma diferença de 20,1% entre as duas faixas etárias. Além disso, entre a idade de 31 a 45 anos e acima de 45 anos há, também, uma diferença significativa de 26,9%. Esses resultados mostram que, na classe baixa, o emprego de FP possui uma frequência significativa (49%) na faixa etária mediana.

Enfim, as análises realizadas por meio do Gráfico 8b constataram que, além de a classe média de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos favorecer o emprego de FP, como já havia sido considerado na análise do Gráfico 8a, a faixa etária de 31 a 45 anos das classes alta e baixa também possui índices expressivos em relação ao emprego de FP em orações condicionais.

### **3.8 Conclusão**

Neste capítulo, foi possível verificar os dados obtidos na pesquisa realizada. Como se observou, algumas hipóteses foram confirmadas e outras refutadas.

Além disso, foram apresentadas análises dos resultados de acordo com a teoria abordada no capítulo 1 deste trabalho.

Foi possível apresentar, também, alguns exemplos do *corpus* dessa pesquisa para tornar a exposição da análise e descrição dos dados mais clara e ilustrativa.

No capítulo seguinte, serão apresentadas as considerações finais a respeito deste trabalho.



## CAPÍTULO 4

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível constatar, os dados do *corpus* desta pesquisa revelaram a confirmação ou não de algumas hipóteses e a inclusão de outros fenômenos importantes.

A hipótese geral deste trabalho foi confirmada, pois realmente existe uma tendência em substituir o PI pelo FP em orações condicionais. Apesar de terem sido encontradas muitas ocorrências em FP (55,3%), o percentual de ocorrências com PI foi bastante expressivo (44,3%), o que mostra que a variação pesquisada é bastante significativa na língua falada em Uberlândia, MG.

Respondendo às questões levantadas na introdução deste trabalho, pode-se afirmar, primeiramente, de acordo com a pesquisa realizada, que os indivíduos que mais utilizam a variante PI são os da classe baixa e da faixa etária acima de 45 anos.

Pode-se afirmar, também, que o tamanho pequeno da sentença não favorece um dos tempos verbais analisados. Os dados revelaram que, dentro do recorte proposto nesta pesquisa, o tamanho pequeno não favorece o emprego de PI nem de FP, uma vez que as orações pequenas ocorreram significativamente nos dois tempos verbais.

Contudo, foi possível constatar que as orações de tamanho grande podem favorecer o emprego da variante FP. Assim, constatou-se que, quando há advérbios

intercalados ou orações encaixadas no período que contém uma oração condicional iniciada por “se”, parece ocorrer, com freqüência, o emprego de FP no lugar de PI.

Em relação à ordem da sentença, de modo geral, percebe-se que a ordem canônica é freqüente tanto em orações com PI tanto em orações com FP. Portanto, não se confirmou a hipótese de que a ordem canônica favorece o emprego de PI.

No entanto, constatou-se que a inversão da ordem, ou seja, a ordem apódose + prótase pode favorecer o emprego de FP. Esse resultado aproximou-se das considerações de Tapazdi e Salvi (1998) de que não é freqüente o imperfeito do indicativo em apódoses. Esses autores compararam PI e FP em PB e PE e evidenciaram que em PE é comum ocorrer PI em apódoses, ao passo que, no PB, é mais freqüente a ocorrência de FP nas apódoses.

Conclui-se, então, que o tempo verbal PI aparece na fala do informante independentemente do tamanho da oração e da ordem da sentença. Pode-se afirmar somente que parece haver uma tendência em relacionar FP às orações grandes e à ordem não-canônica das sentenças.

Sobre o fator do paralelismo formal, a hipótese foi confirmada. Realmente o paralelismo formal favorece o emprego de PI. Deve-se reiterar a citação feita por Silva (1998) de que PI leva a PI. Nesta pesquisa, foi possível constatar que, quando se emprega a variante PI, ocorre o paralelismo formal, ou seja, emprega-se o mesmo tempo verbal ativado na própria fala do informante ou na pergunta do entrevistador.

Além disso, foi possível constatar que o não-paralelismo favorece o emprego da variante FP. A leitura vertical de Paralelismo Formal X Variável dependente verificou, ainda, que o tempo verbal também favorece o fator paralelismo. Assim, pode-se afirmar que PI favorece o paralelismo e que FP favorece o não-paralelismo.

Outra hipótese confirmada nesta pesquisa foi a suposição sobre a classe social. A frequência maior em relação ao emprego de pretérito imperfeito ocorreu na classe baixa. Em contrapartida, observou-se, ainda, que as classes alta e média têm frequência maior em relação à FP.

Por outro lado, em relação à faixa etária, foi constatado justamente o contrário do que era suposto. A incidência maior em relação à PI deu-se na idade acima de 45 anos. Além disso, deve-se afirmar que as faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos obtiveram uma frequência significativa em relação à FP.

Finalmente, considera-se como um dos aspectos mais relevantes do presente trabalho a constatação de que os fatores sociais classe social e faixa etária foram significativos, assim como o fator lingüístico paralelismo formal, uma vez que este trabalho filia-se à Sociolingüística Variacionista, em que os fatores externos, juntamente com os fatores internos da língua, são cruciais para a demonstração ou não de uma variação lingüística.

Assim, vale reafirmar que a pesquisa apresentada confirma que a alternância entre PI e FP em orações condicionais iniciadas por “se”, na fala uberlandense, é um fenômeno de variação lingüística.

Outro aspecto relevante e que deve ser ressaltado é a questão do paralelismo formal. Além de ter sido constatado que esse fator favorece o emprego de PI em orações condicionais, foi possível constatar que houve também o efeito gatilho na pesquisa realizada, ou seja, os entrevistados empregaram o mesmo tempo verbal utilizado na pergunta do entrevistador, acarretando assim, um grande percentual da variável FP.

Além disso, deve-se salientar que, apesar de esta dissertação não trabalhar com a variação inter-lingüística, acredita-se que o suporte teórico da Sociolingüística Paramétrica, dentro das investigações intra-lingüísticas realizadas a respeito da alternância verbal analisada, poderá dar suporte a futuros trabalhos de variação inter-lingüística dentro da proposta apresentada nesta dissertação.

Dessa forma, pode-se pensar, portanto, que uma análise comparativa de PI e FP entre as línguas seria viável, como por exemplo, uma comparação entre o PB e o PE ou até mesmo entre o PB, o PE e o Espanhol. Além disso, poderia também ampliar o *corpus* de análise para uma comparação entre as modalidades escrita e falada da(s) língua(s).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. rev.e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna,1999.672 p.

BEZERRA, A.M.C. A forma em “-ria” na língua culta falada na cidade de São Paulo. Cadernos de Estudos Lingüísticos 24, 1993: 179-230, apud TAPAZDI, Judit. e SALVI, Giampaolo. **A oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil**. Delta v.14.n.especial. São Paulo, 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 20. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E. C. *et alii*. (Eds.) On conditionals. Cambridge University Press, p.333-351, 1986, apud HIRATA, Flávia Bezerra de Menezes. **A ordem nas construções condicionais do português escrito do Brasil**. Estudos Lingüísticos. XXIX- GEL-UNESP, 1999.

CORVALÁN, C. Silva. Subject expression and placement in Mexican American Spanish. In: J. Amastae e L. Elias-Olivares (orgs) Spanish the United States. Sociolinguistic Aspects. Cambridge: Cambrid University Press, 1982, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. **A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.199 f.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBUISSON, C. L' inversion du SN sujet et la post-position SN lourd em français. In: D. Sankoff e H. Cedergren (orgs) Variati Omnibus Edmonton, Alberta: Linguistic Research Inc, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

ELISEU, A. M. G. S. Verbos ergativos do Português: Descrição e análise. Trabalho de síntese para a Prova de Aptidão Pedagógica Capacidade Científica, Faculdade de Letras, Lisboa, 1984, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

HIRATA, Flávia Bezerra de Menezes. **A ordem nas construções condicionais do português escrito do Brasil**. Estudos Lingüísticos. XXIX- GEL-UNESP, 1999.

KATO, M. e TARALLO. Anything you can do in Brazilian Portuguese. In: O. Jaeggli e C. Silva-Corvalán (orgs) Studies in Romance Linguistics, Dordrecht: Foris, 1986, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. University of Philadelphia Press, Philadelphia, 1972.

\_\_\_\_\_. Resolving the the neo-grammarians controveray. Language, 57, 2: 267-308, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

\_\_\_\_\_. **Principles of Lingüistic Change – Social factors**. Blackwell: Oxford, UK Cambridge, USA, 2001.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 19 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

LIRA, S. Nominal, Pronominal and Zero Subjects. In: Brazilian Portuguese. University of Pennsylvania: Tese de Doutorado, 1982, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary.

**Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística.** Preedição 5, Campinas, 1989.

\_\_\_\_\_. Subject postposition. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 2, 1: 17-36, 1986, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística.** Preedição 5, Campinas, 1989.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

PICALLO, M. C. The infl node and the null subject parameter. Linguistic Inquiry, 51: 75-101, 1984, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística.** Preedição 5, Campinas, 1989.

ROCHA, Maura A. de Freitas. **Complementizadores no Português do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Campinas, 1998.

RIZZI, L. Issues in Italian Syntax. Dordrecht: Foris, 1982, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística.** Preedição 5, Campinas, 1989.

SALTARELLI, M. Post – verbal subjects in Italian. Papers from the XVII Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: University of Chicago Press, 1981, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística.** Preedição 5, Campinas, 1989.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MARTTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolingüistics – an international handbook of the science language and society.** Berlim/ New York: Walter de Gruyter, 1988. p.984-998

SANKOFF, G. e TARALLO, F. Relativization and anaphora in spoken language. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 3, 2: 197-214, 1987, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística.** Preedição 5, Campinas, 1989.

SILVA, Tereza Santos da. **A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1998. 144 f.

TAPAZDI, Judit. e SALVI, Giampaolo. **A oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil**. Delta v.14. n.especial. São Paulo, 1998.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

TARALLO, F.; KATO, M.A. et alii. Rupturas na ordem de adjacência canônica do Português falado, 1989. IN: CASTILHO, AT (org.) **Gramática do Português falado**, Vol.1:A Ordem. Campinas: ed. UNICAMP/ FAPESP, p. 31-62, 1990.

\_\_\_\_\_. Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In: ILARI, R. (org.) Gramática do português falado: níveis de análise lingüística. Campinas: Ed. Unicamp, v. III, 1993: p. 315-356, apud HIRATA, Flávia Bezerra de Menezes. **A ordem nas construções condicionais do português escrito do Brasil**. Estudos Lingüísticos. XXIX- GEL-UNESP, 1999.

TORREGO, E. On inversion in Spanish and some of its effects. Linguistic Inquiry, 15,1:103-129, 1984, apud TARALLO, Fernando. e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística**. Preedição 5, Campinas, 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O Aspecto Verbal no Português; a categoria e sua expressão**. ed. rev. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1985.



**ANEXOS**

**ANEXO 1: TABELA DOS INFORMANTES DA PESQUISA**

INFORMANTE	CÓDIGO	FAIXA ETÁRIA	CLASSE SOCIAL
01	CAS	20 a 30 anos	classe alta
02	FAM	20 a 30 anos	classe alta
03	GAT	20 a 30 anos	classe alta
04	MRPM	20 a 30 anos	classe alta
05	TAM	20 a 30 anos	classe alta
06	LD	31 a 45 anos	classe alta
07	CAM	31 a 45 anos	classe alta
08	RC	31 a 45 anos	classe alta
09	KA	31 a 45 anos	classe alta
10	MIMR	31 a 45 anos	classe alta
11	EAM	acima de 45 anos	classe alta
12	EPS	acima de 45 anos	classe alta
13	HTC	acima de 45 anos	classe alta
14	JSM	acima de 45 anos	classe alta
15	SMT	acima de 45 anos	classe alta
16	GCCM	20 a 30 anos	classe média
17	LAM	20 a 30 anos	classe média
18	RMS	20 a 30 anos	classe média
19	TRM	20 a 30 anos	classe média
20	FEB	20 a 30 anos	classe média
21	AASS	31 a 45 anos	classe média
22	AM	31 a 45 anos	classe média
23	KAS	31 a 45 anos	classe média
24	LAFR	31 a 45 anos	classe média
25	NCM	31 a 45 anos	classe média
26	EAS	acima de 45 anos	classe média
27	HHSM	acima de 45 anos	classe média
28	SAG	acima de 45 anos	classe média
29	JBM	acima de 45 anos	classe média
30	WOG	acima de 45 anos	classe média
31	AMO	20 a 30 anos	classe baixa
32	AS	20 a 30 anos	classe baixa
33	LAFA	20 a 30 anos	classe baixa
34	LVG	20 a 30 anos	classe baixa
35	MJR	20 a 30 anos	classe baixa
36	SMS	31 a 45 anos	classe baixa
37	AARS	31 a 45 anos	classe baixa
38	FAS	31 a 45 anos	classe baixa
39	IFR	31 a 45 anos	classe baixa
40	RACS	31 a 45 anos	classe baixa
41	MFM	acima de 45 anos	classe baixa
42	FPB	acima de 45 anos	classe baixa
43	IMG	acima de 45 anos	classe baixa
44	WS	acima de 45 anos	classe baixa
45	BK	acima de 45 anos	classe baixa

## ANEXO 2: CRITÉRIO BRASIL

### CRITÉRIO BRASIL-

#### CRITÉRIO BRASIL MEDE O PODER AQUISITIVO DO CONSUMIDOR

O objetivo do Critério Brasil é medir o poder aquisitivo do consumidor. Os critérios para classificação social do País foram estabelecidos pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado), com a participação da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (Abipeme), com base nos Levantamentos Socioeconômico de 1993 e 1997.

#### Cinco classes econômicas

A classificação socioeconômica do Brasil foi estratificada em cinco classes, sendo que as duas de maior poder aquisitivo foram subdivididas.

Classe	Pontos
A1	30-34
A2	25-29
B1	21-24
B2	17-20
C	11-16
D	6-10
E	0-5

#### Como se calcula

O sistema de pontuação é baseado na posse de bens de consumo duráveis, instrução do chefe da família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos.

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário incompleto	0
Primário completo/Ginasial incompleto	1
Ginasial completo/Colegial incompleto	2
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5

### ANEXO 3: QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ anos  
 Sexo: ( ) feminino ( ) masculino  
 Residência: \_\_\_\_\_  
 Local de  
 Nascimento: \_\_\_\_\_

Por favor, preencha os quadros abaixo.

a)

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Aspirador de pó					
Máquina de lavar					
Videocassete					
Geladeira					
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)					

b)

Grau de instrução do chefe da família	
Analfabeto/Primário incompleto	
Primário completo/Ginasial incompleto	
Ginasial completo/Colegial incompleto	
Colegial completo/Superior incompleto	
Superior completo	

**ANEXO 4: ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

Nome completo: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_ anos  
Sexo: ( ) feminino ( ) masculino  
Residência: \_\_\_\_\_  
Local de  
Nascimento: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES:**

- 1) Como você se vê ou se descreve?
- 2) Fale um pouco sobre a sua família.
- 3) O que você acha da situação econômica do nosso país?
- 4) Comente a respeito do nosso presidente.
- 5) Se você fosse o presidente Luís Inácio da Silva, o Lula, o que você faria?
- 6) E sobre os nossos jovens, o que você tem a dizer?
- 7) Você acha que as drogas são um problema para eles? Que conseqüências elas podem trazer para seus usuários?
- 8) O que você faria se fosse o pai ou a mãe de um viciado em drogas?
- 9) A realidade em que vivemos é muito difícil. Se você fosse um super-herói, qual você gostaria de ser? O que você faria para mudar essa realidade?

10) Se você fosse vítima de qualquer violência, como roubo, assalto, seqüestro ou outros, o que você faria?

11) Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde você iria? Por quê? O que você faria neste lugar?

12) Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, o que você mudaria na programação da tevê? Por quê?

13) O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo para você?

14) Você mentiria para alguém? Em que situações? Por quê?

15) Se você pudesse mudar alguma coisa no seu passado, o que você faria?

16) JOGO RÁPIDO! Responda: O que você faria se...

- a) ... ganhasse sozinho na loteria?
- b) ... visse uma pessoa passando mal na rua?
- c) ... acreditasse que o mundo acabaria na semana que vem?
- d) ... tivesse um poder semelhante ao do gênio da lâmpada de Aladim?
- e) ... encontrasse um bebê abandonado à sua porta?

17) Você gosta de esportes? Costuma assistir aos jogos da seleção de futebol? O que você pensa sobre os jogadores? Qual é o atleta brasileiro que você mais admira? Por quê? Você pratica algum tipo de esporte?

18) Você tem boa memória? Como foi sua infância? Você brincava muito? Seus irmãos faziam parte das suas brincadeiras? De que costumavam brincar? Descreva uma das brincadeiras que você sente saudades. Seus filhos brincavam muito enquanto crianças? Como você percebe o relacionamento deles? Descreva-o. Seus filhos são crianças que se machucavam muito?

19) O que você pensa sobre os programas de televisão? Se alguém perguntasse a você sobre o que fazem os participantes do BBB, o que você diria? Pelo tempo que as pessoas que participam do BBB ficam na casa, você acha que elas ficam realmente carentes? Por quê?

20) Você conhece alguém que se mudou de nossa cidade, nos últimos anos? Para onde se mudou? Por que se mudou? Você sentiu triste?

21) Por qual motivo as pessoas fazem festas? Você já foi a uma festa de casamento em que tenha dito: “Esta ficará na história!”? Quem se casou? O que aconteceu? Fale sobre um casal que você admira muito.

22) Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como a pessoa reagiu?

23) Fale um pouco sobre sua mãe? E o seu pai? Conte a história de uma pessoa que você conhece e que você a considera como alguém que venceu na vida.



24) O que você pensa sobre o suicídio? Na sua opinião, o que leva uma pessoa a fazer isso? Você sabe de algum caso em que alguém cometeu suicídio? Como foi?

25) O que você pensa sobre a segurança em nossa sociedade? Como você imagina a vida de um presidiário? Como você acha que deveria ser?

26) O que você acha da situação do idoso hoje? Fale um pouco sobre uma pessoa idosa que você conhece e que você a admira muito.

**ANEXO 5: TABELAS DE RESULTADOS DA PESQUISA****TABELA 1**

Ocorrência geral da alternância dos verbos

Variável	Pretérito Imperfeito <b>PI</b>		Futuro do Pretérito <b>FP</b>		Total <b>PI + FP</b>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
	308	44,3	387	55,7	695	100

**TABELA 2a**

Tamanho da oração X Variável dependente – Leitura horizontal

Variável	PI		FP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tamanho						
Oração pequena	296	44,6	367	55,4	663	100
Oração grande	12	37,5	20	62,5	32	100

**TABELA 2b**

Tamanho da oração X Variável dependente – Leitura vertical

Tamanho \ Variável	PI		FP	
	Nº	%	Nº	%
Oração pequena	296	96,1	367	94,8
Oração grande	12	3,9	20	5,2
Total	308	100	387	100

**TABELA 3a**

Ordem da sentença X Variável dependente – Leitura horizontal

Ordem \ Variável	PI		FP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prótase + apódose	293	44,6	363	55,4	656	100
Apódose + prótase	15	38,4	24	61,6	39	100

**TABELA 3b**

Ordem da sentença X Variável dependente – Leitura vertical

Ordem \ Variável	PI		FP	
	Nº	%	Nº	%
Prótase + apódose	293	95,1	363	93,8
Apódose + prótase	15	4,9	24	6,2
Total	308	100	387	100

**TABELA 4a**

Paralelismo Formal X Variável dependente – Leitura horizontal

Paralelismo \ Variável	PI		FP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não-Paralelismo	111	30,4	254	69,6	365	100
Paralelismo	197	59,7	133	40,3	330	100

**TABELA 4b**

Paralelismo Formal X Variável dependente – Leitura vertical

Paralelismo \ Variável	PI		FP	
	Nº	%	Nº	%
Não-Paralelismo	111	36,0	254	65,6
Paralelismo	197	64,0	133	34,4
Total	308	100	387	100

**TABELA 5a**

Classe social X Variável dependente – Leitura horizontal

Classe Social \ Variável	PI		FP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Classe Alta	50	35,0	93	65,0	143	100
Classe Média	112	37,0	190	63,0	302	100
Classe Baixa	146	58,4	104	41,6	250	100

**TABELA 5b**

Classe social X Variável dependente – Leitura vertical

Classe Social \ Variável	PI		FP	
	Nº	%	Nº	%
Classe Alta	50	16,2	93	24,0
Classe Média	112	36,4	190	49,1
Classe Baixa	146	47,4	104	26,9
Total	308	100	387	100

**TABELA 6a**

Faixa etária X Variável dependente – Leitura horizontal

Faixa Etária \ Variável	PI		FP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	103	39,6	157	60,4	260	100
31 a 45 anos	90	34,6	170	65,4	260	100
Acima de 45 anos	115	65,7	60	34,3	175	100

**TABELA 6b**

Faixa etária X Variável dependente – Leitura vertical

Faixa Etária \ Variável	PI		FP	
	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	103	33,5	157	40,6
31 a 45 anos	90	29,2	170	43,9
Acima de 45 anos	115	37,3	60	15,5
Total	308	100	387	100

**TABELA 7a**

Classe social X Faixa etária – Ocorrência de Pretérito Imperfeito – Leitura horizontal

Faixa Etária \ Classe Social	Classe alta		Classe média		Classe baixa		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	20	19,4	33	32,0	50	48,6	103	100
31 a 45 anos	5	5,5	54	60,0	31	34,5	90	100
Acima de 45 anos	25	21,7	25	21,7	65	56,6	115	100

**TABELA 7b**

Classe social X Faixa etária – Ocorrência de Pretérito Imperfeito – Leitura vertical

Classe Social \ Faixa Etária	Classe alta		Classe média		Classe baixa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	20	40,0	33	29,5	50	34,2
31 a 45 anos	5	10,0	54	48,2	31	21,2
Acima de 45 anos	25	50,0	25	22,3	65	44,6
Total	50	100	112	100	146	100

**TABELA 8a**

Classe social X Faixa etária – Ocorrência de Futuro do Pretérito - Leitura horizontal

Classe Social \ Faixa Etária	Classe alta		Classe média		Classe baixa		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	30	19,1	97	61,8	30	19,1	157	100
31 a 45 anos	43	25,3	76	44,7	51	30,0	170	100
Acima de 45 anos	20	33,3	17	28,3	23	38,4	60	100



**TABELA 8b**

Classe social X Faixa etária – Ocorrência de Futuro do Pretérito – Leitura vertical

Classe Social \ Faixa Etária	Classe alta		Classe média		Classe baixa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20 a 30 anos	30	32,3	97	51,0	30	28,9
31 a 45 anos	43	46,2	76	40,0	51	49,0
Acima de 45 anos	20	21,5	17	9,0	23	22,1
Total	93	100	190	100	104	100

**TABELA A**

Caracterização dos informantes acima de 45 anos segundo o grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Nº	%
Analfabeto/ Primário incompleto	4	26,7
Primário completo/ Ginásial incompleto	7	46,7
Ginásial completo / Colegial incompleto	2	13,4
Colegial completo/ Superior incompleto	1	6,6
Superior completo	1	6,6
Total	15	100